



FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS

EPGE

Escola de Pós-Graduação
em Economia

Ensaio Econômicos

Escola de

Pós Graduação

em Economia

da Fundação

Getúlio Vargas

Nº 550

ISSN 0104-8910

***Avaliando pesquisadores e departamentos de economia no
Brasil a partir de citações internacionais***

***João Victor Issler
Rachel Couto Ferreira***

Junho de 2004

Avaliando Pesquisadores e Departamentos de Economia no Brasil a partir de Citações Internacionais¹

Versão Preliminar: Setembro de 2003
Versão Revisada: Junho de 2004

João Victor Issler
Escola de Pós-Graduação em Economia – EPGE
Fundação Getulio Vargas – FGV

Rachel Couto Ferreira
Departamento de Economia
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

¹ Agradecemos às críticas e sugestões dos participantes da sessão especial da ANPEC 2003 sobre avaliação dos departamentos de Economia brasileiros, de dois pareceristas anônimos e de Octávio Tourinho. Todos os erros remanescentes são de nossa inteira responsabilidade. João Victor Issler agradece ao auxílio financeiro do CNPq e do PRONEX e Rachel Couto Ferreira agradece ao auxílio financeiro da FGV. Devemos esclarecer que as opiniões contidas neste artigo não necessariamente refletem o pensamento da EPGE-FGV, da FGV, do departamento de Economia da UFRJ ou da própria UFRJ.

1. INTRODUÇÃO

Recentemente, talvez devido ao amadurecimento da academia brasileira nesta área, tem havido no Brasil um crescente interesse por mensurar a qualidade de pesquisadores e de departamentos de Economia; ver Azzoni(1998, 2000), Faria(2000) e Issler e Pillar(2002). O foco dos últimos dois estudos (os mais recentes) foi a avaliação da qualidade acadêmica usando indicadores de produção científica. Como argumentam Einav e Griliches(1998), uma medida de qualidade acadêmica quiçá superior seria a de um índice de citação, dado que, citações teriam o poder de filtrar apenas idéias cientificamente relevantes, o que nem todas são. Está implícito então que quanto maior a qualidade acadêmica de um pesquisador mais citado ele será. Algumas vezes, argumentam Einav e Griliches, não é necessário que um autor seja extremamente profícuo para que sua obra seja relevante para os seus pares, e há casos onde exatamente o oposto acontece – talvez o exemplo mais famoso seja o de John Nash Jr., Prêmio Nobel de Economia de 1994.

Azzoni foi um pioneiro no Brasil a usar indicadores de citação para medir a qualidade acadêmica de pesquisadores em Economia. Entretanto, o universo de busca para periódicos citantes foi essencialmente o das revistas brasileiras. Em apenas uma instância Azzoni investigou as citações recebidas no exterior pelos acadêmicos mais citados em periódicos nacionais, o que pode se constituir em um filtro extremamente severo para pesquisadores brasileiros em geral, pois, pode haver pesquisadores brasileiros muito citados no exterior com baixa citação no Brasil; ver a discussão ao final do estudo de Issler e Pillar.

O presente estudo avalia pesquisadores no Brasil a partir das citações recebidas por seus trabalhos científicos sem, *a priori*, investigar apenas os que tenham sido muito citados no país. Nosso estudo investiga, além dos autores muito citados no Brasil, também os que tenham sido considerados produtivos academicamente nos estudos de Faria e Issler e Pillar. Obviamente, esse filtro é bem menos severo do que o usado por Azzoni, o que pode levar, a princípio, a resultados bastante diferentes, o que de fato é verificado adiante.

As obras citadas compreendem não só artigos científicos publicados em periódicos com pareceristas no Brasil ou no exterior, como também teses, livros e capítulos de livros, e mesmo documentos de trabalho ainda não publicados. De forma a poder comparar a importância de citações de diferentes fontes, optou-se por considerar apenas aquelas advindas de periódicos com corpo editorial, ponderando-as pelo fator de impacto do periódico citante, sendo que o último é obtido através do uso de estudos de impacto consagrados – Laband e Piette(1994) e Kalaitzidakis et alli(2001). Portanto, nossa medida de citação ponderada é simples e usa a idéia de que o que mais pesa para a qualidade de um autor é ser muito citado em bons periódicos, i.e., muito citado em periódicos muito citados.

Os resultados das citações ponderadas permitem comparar pesquisadores entre si, comparar diferentes departamentos de Economia – dado que estes são um grupo de pesquisadores, e comparar as medidas de citações ponderadas com as de produção científica e outros determinantes da qualidade acadêmica dos diferentes pesquisadores. Tomando os resultados desse artigo, e dos artigos anteriores sobre a qualidade acadêmica no Brasil, podemos ter uma visão integrada do atual estágio da academia no Brasil na área de Economia.

A Seção 2 apresenta a metodologia de estudo aqui empregada, com especial detalhamento do método de busca com o qual se determina as citações a um determinado autor. A Seção 3 apresenta os resultados das citações ponderadas, bem como o das

comparações entre as medidas de citações ponderadas e as outras medidas de qualidade acadêmica dos diferentes pesquisadores. A Seção 4 apresenta as conclusões.

2. METODOLOGIAS

2.1 A Metodologia de Azzoni e seu Respetivo Resultado

Inicialmente, Azzoni(2000) avalia pesquisadores brasileiros com base em seu total de citações recebidas em periódicos brasileiros, sem nenhuma ponderação. Logo, citações em revistas de baixo impacto valiam o mesmo que citações em revistas de alto impacto. Usando como “filtro” o conjunto dos 50 pesquisadores mais citados no Brasil, Azzoni apresenta as citações recebidas por estes em periódicos internacionais. A busca foi feita usando-se a ferramenta *Web of Science* de citações internacionais – reconhecidamente a melhor ferramenta de busca de citações em Ciências e em Ciências Sociais (a mesma empresa que produz o Social Science Citation Index, SSCI).

Convém destacar que, na parte “internacional” do estudo de Azzoni, a busca não contemplou as citações internacionais de todos os autores brasileiros, mas apenas as dos 50 mais citados em periódicos brasileiros. Autores que se especializaram em produzir majoritariamente para revistas estrangeiras, sendo conseqüentemente pouco citados no Brasil, foram ignorados pelo critério de busca de Azzoni, o que representou uma grande limitação para a avaliação de pesquisadores. Isso ocorre porque, como notaram Issler e Pillar(2002, Conclusão), no Brasil há dois tipos mutuamente excludentes de autores: um que produz majoritariamente para revistas internacionais, com produção extremamente reduzida em periódicos nacionais, e um que faz exatamente o oposto.

Além de listar as dez primeiras instituições de pesquisa brasileira, ordenadas pelo total de artigos publicados de 1981 a 1998, Azzoni ordenou os dez primeiros pesquisadores segundo citações recebidas no Brasil para o mesmo período. O resultado obtido foi: MH Simonsen, EL Bacha, C Furtado, FLP Lopes, IN Costa, FHB Mello, AL Rezende, MC Tavares, EA Cardoso e R Bonelli. Já a lista dos dez mais citados no exterior, dentre os cinqüenta mais citados no Brasil, foi a seguinte: C Furtado, MH Simonsen, LCB Pereira, CG Langoni, EL Bacha, EA Cardoso, MC Tavares, AC Pastore, CM Peláez e P Arida.

2.2 Nossa Metodologia

O principal objetivo desse artigo é a avaliação de pesquisadores brasileiros a partir das citações que cada um recebeu. Estes podem estar ou não atualmente trabalhando em instituições de ensino e pesquisa na área de Economia no Brasil, sendo que há nomes investigados de pesquisadores que já se aposentaram e de alguns já falecidos. Como é tradição em estudos bibliométricos, mediu-se apenas citações em periódicos com pareceristas externos, sendo que diferentes citações foram ponderadas pelo impacto do periódico citante, de forma que citações feitas em periódicos de maior prestígio (impacto) contam relativamente mais.

Ao início da pesquisa, ficou claro que uma busca ampla de autores seria muito custosa em termos de tempo. Por exemplo, Celso Furtado, o autor brasileiro com maior número de citações totais, possui 722 citações. Edmar Bacha possui 303, Aloísio Pessoa de Araújo possui 167, Mario Henrique Simonsen possui 160, etc. Somente os 100 autores brasileiros mais citados possuem, em conjunto, 5714 citações. De forma a limitar a busca

das citações, sem perder de vista o universo relevante de autores citados, usou-se como base os resultados de produção científica nacional e internacional, além dos resultados de Azzoni de importância em citações. O princípio fundamental que norteou essa escolha foi o de que, para ser citado, um autor tem que ter produzido algum artigo ou livro de interesse acadêmico. É razoável supor que autores mais produtivos tenham maior chance de serem citados. Logo, limitamos a nossa busca a autores relativamente produtivos, no Brasil ou exterior, que tenham sido identificados nos estudos bibliométricos brasileiros recentes de Azzoni(2000), de Faria(2000) ou de Issler e Pillar(2002).

Com os critérios acima, identificamos 136 pesquisadores, dentre os quase 600 nomes que se incluem no conjunto de pesquisadores da categoria NRD 0 até NRD 6, de centros afiliados à ANPEC ou de outros pesquisadores não afiliados. Explicitamente, estes podem ter sido escolhidos se: a) são listados por Azzoni(2000, Tabela 7), b) ou por Faria(2000, Tabela 6), c) ou por Issler e Pillar(2002, Tabelas 7, 9 e 13)². Finalmente, adicionamos a essa lista os nomes dos cinquenta pesquisadores mais citados no Brasil apresentados por Azzoni(2000).

Para podermos fazer comparações com os estudos passados, e devido ao fato de que os nomes foram escolhidos de acordo com estes estudos (o último deles foi confeccionado em 2001) as afiliações foram mantidas como aquelas que constam do último estudo disponível – Issler e Pillar(2002). Como consequência desse procedimento, não consideramos aqui as mudanças recentes que ocorreram nos departamentos de Economia brasileiros – de 2002 a 2004. Como qualquer estudo que se propõe a avaliar departamentos, há que se fazer um corte no tempo, que nesse caso foi 2001³. Mudanças no quadro que vigorava naquele período podem ser motivo de estudos futuros.

Para cada pesquisador, obteve-se o total de obras (artigos, livros, etc.) citando o seu nome através de busca ao banco de dados *Web of Science* – (www.webofscience.com), com “link” obtido a partir da página da CAPES – (www.periodicos.capes.gov.br). A maior dificuldade na busca ocorreu devido a dois fatores. Primeiro, devido à existência de homônimos, pois a *Web of Science* abrevia os nomes e primeiros sobrenomes (mas não o último sobrenome) dos diferentes autores. Segundo, devido às diferentes maneiras pelas quais um autor citante pode fazer referência a um determinado autor citado. Nos casos extremos, autores com mais de um primeiro nome e mais de um sobrenome podem ser citados por quase todas as possíveis combinações destes, como exemplificamos abaixo.

A partir das citações de cada um dos 136 autores, ponderou-se cada uma de acordo com a importância do periódico citante (no qual o pesquisador foi citado), independente da origem da obra citada. Nesse sentido, citações a livros, a periódicos com pareceristas, a documentos de trabalho, etc., todas têm chance de contribuir para a citação ponderada de um determinado autor, desde que tenham sido citadas em algum periódico que tenha um fator de impacto não nulo. Para determinar quais são os fatores de impacto apropriados a cada periódico citante, recorreremos aos estudos bibliométricos consagrados de Kalaitzidakis et alli(2001) e Laband e Piette(1994). Implicitamente, o uso destes estudos significa

²Os pesquisadores listados em Issler e Pillar(2002) são de categoria NRD 0 até NRD 6 de instituições ou centros afiliados à ANPEC (EPGE-FGV, PUC-RJ, USP, UnB, UFF, UFRJ, UFSC, UFU, USU, UFPE, EAESP-FGV, UFMG, UFRGS, UNICAMP, UEM, PUC-SP, UFC, UFPR, UFBA, UFPB, UFES), assim como os listados por Azzoni(2000,Tabela 7) e por Faria(2000, Tabela 6).

³ Talvez o departamento de Economia que em que se observou mais mudanças proporcionais tenha sido a PUC-RJ, devido a longa tradição que seus membros sirvam o governo e a contratações e saídas recentes, num quadro de Professores pequeno.

desconsiderar citações em periódicos nacionais, que, por construção, têm impacto zero nesses dois estudos.

A partir do ranking de citação dos pesquisadores brasileiros investigados, foi possível avaliar departamentos brasileiros de Economia a partir da agregação do total de citações ponderadas a pesquisadores trabalhando em instituições afiliadas à ANPEC. Convém observar que, dentre os 136 pesquisadores, existem os que não são afiliados a nenhum centro da ANPEC.

O total de citações ponderadas não só permitiu o estabelecimento dos rankings de pesquisadores e de departamentos como também permitiu comparações com diversas variáveis importantes para determinar a qualidade acadêmica, como, por exemplo, medidas de produção científica, anos desde o doutoramento, e outros determinantes de qualidade acadêmica dos diferentes pesquisadores. Há também a possibilidade de comparar os nossos resultados com aqueles apresentados em Azzoni(2000), Faria(2000) e Issler e Pillar(2002), e de inferir quais são as áreas da Economia pelas quais os pesquisadores brasileiros são conhecidos no exterior.

2.2.1 Forma de busca na *Web of Science*:

O período de análise utilizado nas buscas à *Web of Science* vai de 1945 até 2002, sendo que estas se deram de Julho a Setembro de 2002. A busca é feita pelo último nome dos autores, seguido das iniciais do nome e demais sobrenomes. Por exemplo, para o autor fictício José Costa Xavier, buscaríamos como Xavier JC ou Xavier J. Sobrenomes acompanhados de preposição, como da Costa, foram buscados como Costa e daCosta, de modo que João da Silva Fernandes seria buscado como Fernandes J, Fernandes JS e Fernandes JD. Conforme instruções do próprio banco de dados, sobrenomes acompanhados de Neto, Filho e Júnior⁴ foram substituídos pelo nome imediatamente anterior, pois a própria base de dados reconhece que estes últimos não são o sobrenome propriamente dito. Desse modo, Leandro Costa Júnior seria buscado como Costa L.

A maior dificuldade encontrada para obter a listagem de citações foi a existência de homônimos e as diferentes maneiras possíveis de se citar um determinado autor, que tenha um ou mais nomes, um ou mais sobrenomes, ou ambos. Para que fosse mantido um padrão de busca uniforme, procedemos de forma geral buscando pelo último sobrenome do autor, usando primeiramente todas as iniciais de seus vários nomes e/ou sobrenomes intermediários. Logo, para José Antônio Costa Xavier, iniciamos a busca como Xavier, JAC. Após essa primeira busca, fizemos também as variações que omitem, respectivamente, o “Costa” e o “Antônio”: Xavier, JA, Xavier, J. Dessa forma, pensamos ter coberto de forma relativamente abrangente todos os 136 autores de nossa lista.

Convém que sejam relatados aqui os pesquisadores que foram investigados de maneira distinta da descrita acima, pois usam “nomes científicos” diferentes dos seus nomes completos. Estes, além do formato usual descrito acima também o foram de forma especial. Marcelo Resende de Mendonça e Silva foi investigado como Resende M, Maria

⁴ Pesquisadores para os quais foi utilizado este critério de busca: Armínio Fraga Neto, Caio Prado Júnior, Carlos Brunet Martins Filho, David Dequech Filho, Jorge Saba Arbach Filho, Naércio Aquino Menezes Filho, Newton Carneiro Affonso da Costa Junior, Paulo Nogueira Batista Junior, Renato Galvão Flôres Junior e Theotonio dos Santos Junior.

Cristina Trindade Terra foi investigada como Terra CT, Terra C e Terra MCT, e João de Deus Sicsu Siqueira foi investigado como Siqueira JDS, Siqueira JD, Siqueira J e Sicsu J.

No que se refere à existência de homônimos⁵, para as citações referentes a pesquisadores que possuíssem homônimos, os critérios de identificação foram feitos *caso-à-caso*, olhando a produção científica artigo-por-artigo, o que se revelou uma tarefa hercúlea. As citações em que não foi possível determinar a autoria com certeza, foram contabilizados em favor do pesquisador investigado. De qualquer forma, dada a escassez desses casos dúbios, e mesmo o impacto dos periódicos destes casos, cremos que os resultados finais foram muito pouco afetados pela existência de homônimos.

Por fim, vale notar que, apesar de termos envidado nossos maiores esforços para que o processo de busca fosse livre de erros, é possível que alguns tenham persistido, escapando a nossos controles. Se este for o caso, desde já pedimos desculpas a nossos leitores. Vale notar, entretanto, que, em estudos desta natureza, não se pode assegurar que não haja erro de espécie alguma.

2.2.2 Escolha de Fatores de Impacto:

Os critérios utilizados neste artigo para determinação dos pesos ou fatores de impacto dos periódicos foram os apresentados por dois consagrados estudos: Kalaitzidakis et alli(2001) e Laband e Piette(1994), ambos baseados na técnica pioneira proposta no artigo fundamental que mede o impacto de periódicos – Liebowitz e Palmer(1984). Neste, citações a um determinado periódico, vindas do conjunto de todos os periódicos, são proporcionais ao impacto do periódico citante. Portanto, para determinar o impacto de cada periódico, resolve-se um sistema (não linear) de equações onde busca-se encontrar os pesos que igualem o impacto de um periódico ao seu número de suas citações ponderadas. Trata-se, portanto, de encontrar um *ponto fixo*, assim como se faz no estudo do equilíbrio geral em microeconomia, quando se busca os preços de equilíbrio de mercado.

Dado que o sistema é não-linear, usa-se métodos iterativos para encontrar os fatores de impacto de cada periódico. Para a h-ésima interação, $Q_{i,h}$ – o impacto do i-ésimo

periódico – é dado por $Q_{i,h} = \sum_{j=1}^n C_{ij} Q_{j,h-1}$, onde C_{ij} representa o número de citações do

periódico j ao periódico i ; n é o número de periódicos em Economia investigados e $Q_{i,h-1}$ o impacto do j-ésimo periódico na interação imediatamente anterior à h-ésima. Chega-se aos

⁵Para determinar a existência de homônimos investigamos no Econlit (<http://www.periodicos.capes.gov.br>) os nomes de todos os 136 autores de nossa lista. Como o Econlit lista o nome completo de todos os autores, é possível determinar se algum autor de nossa lista tem um homônimo que já tenha produzido algum artigo na área de Economia. Os autores que possuem homônimos no sentido acima são: Antônio Barros de Castro, Arlete Maria da Silva Alves, Armando Manuel da Rocha Castelar Pinheiro, Annibal V. Villela, Carlos Brunet Martins Filho, Carmem Aparecida do Valle Costa Feijó, Charles C Mueller, Cláudio L. S. Haddad, Francisco Oliveira, Fabiana Fontes Rocha, Fernando de Holanda Barbosa, Fernando José Cardim de Carvalho, Flavio Marques Menezes, Francisco Vidal Luna, Franklin Leon Peres Serrano, Humberto Luiz de Ataíde Moreira, Joaquim Pinto de Andrade, José Francisco Graziano da Silva, José Luiz Carvalho, Luiz Carlos Bresser Gonçalves Pereira, Laércio Barbosa Pereira, Marcelo Resende, Maria da Conceição Sampaio de Sousa, Maria Dolores Montoya Diaz, Mario Luiz Possas, Paulo Klinger Monteiro, Paulo Nogueira Batista Junior, Paulo Singer, Pedro Cavalcanti Gomes Ferreira, Pedro Luiz Valls Pereira, Ramon Fernandez, Reinaldo Gonçalves, Renato Baumann, Renato Galvão Flôres Junior, Reynaldo Fernandes, Ricardo Paes de Barros, Rodolfo Hoffmann e Theotônio dos Santos.

fatores de impacto do i -ésimo periódico, Q_i , quando a diferença entre $Q_{i,h-1}$ e $Q_{i,h}$ é desprezível segundo algum critério de tolerância.

Laband e Piette(1994) utilizaram essa metodologia obtendo informações relativas a três períodos distintos: citações em 1970 para periódicos publicados no período 1965-1969; citações em 1980 para periódicos publicados no período 1975-1979; e, citações em 1990 para periódicos publicados no período 1985-1989. Obviamente, o número de periódicos considerados a cada exercício aumentou monotonicamente. Kalaitzidakis et alli(2001) refizeram o estudo original de Laband e Piette usando o ano 2000 como ano de referência, apesar de terem omitido da lista dos periódicos aqueles classificados como da área de Finanças, dentre outras correlatas à Economia.

2.3 Avaliação Crítica da Metodologia Adotada

Nossa forma de avaliar pesquisadores brasileiros é simples: usamos citações a estes que constam da maior base de dados de citações disponível no planeta em Ciências Sociais – a *SSCI*. Logo, pesquisadores mais citados pontuam mais. Como os pesquisadores investigados podem ser citados em diferentes veículos, e dado que desejamos agregar suas citações totais, de forma a constituir um indicador único para cada um deles, resta a questão de como ponderar citações feitas em diferentes veículos. Nossas escolhas nessas áreas foram duas. Primeiro, optamos por considerar como veículos de citação válidos apenas periódicos com corpo editorial. Logo, citações em livros, em documentos de trabalho (working papers), jornais e revistas, etc., não são computadas. Note que isso limita apenas o universo dos veículos citantes (que fazem as citações), mas não o universo de veículos citados. Este último admite não só periódicos com corpo editorial, mas também publicações em livros, em documentos de trabalho (working papers), jornais e revistas, etc. Segundo, para determinar o peso dado a cada periódico citante (aonde as citações aparecem), usamos os fatores de impacto de periódicos em Economia computados em dois estudos específicos consagrados: Kalaitzidakis et alli(2001) e Laband e Piette(1994), fazendo os pesos dos periódicos citantes proporcionais a seus respectivos fatores de impacto. Logo, citações em periódicos de alto impacto contam proporcionalmente mais do que citações nos de baixo impacto.

Em suma, o que leva um pesquisador a ter um alto índice relativo de citação em nosso método é ser muito citado em periódicos de alto impacto, onde os fatores de impacto são usados como medida de qualidade da citação. Em seguida, seguindo a sugestão de um dos Pareceristas deste artigo, discutimos de forma crítica o conjunto de nossas escolhas.

O primeiro questionamento diz respeito a avaliar pesquisadores de acordo com citações à sua obra, quando há diversas outras formas de fazê-lo. Ora, o objetivo desse artigo é avaliar o “mérito”, a “importância”, ou a “qualidade” acadêmica dos pesquisadores brasileiros em Economia⁶. Se nos limitarmos às formas consagradas de se avaliar um pesquisador em economia (e também em outras Ciências), sobressaem-se duas, apesar da primeira ser usada muito mais frequentemente do que a segunda. Pode-se medir a importância de sua produção científica (Conroy e Dusansky(1995) e Dusanky e Vernon(1998))

⁶ No Brasil, economistas têm influência em diversas áreas: são formadores de opinião pública, participam do debate econômico conjuntural, do debate sobre alocação de recursos públicos, do debate político, etc. A avaliação da influência dos economistas fora da área acadêmica foge ao escopo desse artigo.

ou a importância de citações à sua obra, assim como sugerido porém não implementado por Einav e Griliches(1998). A primeira é uma medida de produção acadêmica e a segunda é uma medida da relevância dessa produção como vista pelos pares, ou seja, é uma medida de influência de um determinado pesquisador. Em média, economistas muito produtivos são influentes, mas há vários casos de economistas muito produtivos e não muito influentes e de economistas pouco produtivos mas muito influentes.

Estudos medindo a produção científica abundam tanto na literatura brasileira quanto na literatura internacional; ver, por exemplo, os estudos clássicos de Conroy e Dusansky e Dusanky e Vernon para a literatura internacional e os de Azzoni(2000), Faria(2000) e Issler e Pillar(2002) para a literatura brasileira. Devido às dificuldades inerentes aos instrumentos eletrônicos de busca, estudos de citação são muito mais trabalhosos e pouco frequentes, sendo basicamente usados internamente por departamentos de economia para a promoção por mérito de seus Professores, quando o universo de busca é relativamente pequeno. Que saibamos, estudos amplos de citação na literatura internacional são inexistentes. Ademais, os estudos brasileiros de citação – Azzoni(1998 e 2000) – estudam apenas citações em revistas brasileiras e não revistas internacionais, o que justifica nossa presente investigação.

Dado que já há estudos nacionais medindo a produção científica, quer no Brasil, quer no exterior, e que já há estudos nacionais medindo a citações em revistas brasileiras, nos parece oportuno medir a influência internacional dos autores brasileiros, o que permitirá ampliar as comparações dentre os diversos estudos nacionais⁷.

O segundo questionamento diz respeito ao uso dos fatores de impacto como medida da importância de cada citação. Ora, como estamos interessados em comparar diferentes pesquisadores, há a necessidade de se agregar citações advindas de diferentes periódicos. Geralmente, economistas agregam quantidades usando seus respectivos preços. Infelizmente, não dispomos de um “sistema de preços” para citações. Apesar disso, há na literatura econômica uma comparação entre citações e “gastos”. Laband e Piette(1994, p. 641) argumentam que:

“Our position is that citations are the scientific community’s version of dollar voting by consumers for goods and services. Holding price constant, an individual consumer purchases goods from certain sellers because of the quality of their merchandise; ...”.

Aqui, esses autores fazem uma analogia direta com a Teoria do Consumidor: toda vez que um periódico é citado, é feita uma “compra”, ou um gasto. Periódicos muito “comprados” valem mais do que aqueles menos comprados, o que é refletido pela forma que com que os fatores de impacto são computados. Pela fórmula

$$Q_{i,h} = \sum_{j=1}^n C_{ij} Q_{j,h-1},$$

se os valores de C_{ij} forem altos (estes representam o número de citações do periódico j ao periódico i), o índice de impacto do periódico i também será alto.

Um possível questionamento diz respeito ao fato de que o impacto de um periódico também depende de citações a este nele mesmo. Por esta razão, alguns autores computam índices de impacto excluindo auto-citações – de um periódico para o próprio. Os resultados são em geral muito parecidos para que a auto-citações tenham alguma interferência final.

⁷ Vale ainda lembrar que, mesmo sob o ponto de vista da literatura internacional, desconhecemos um estudo tão amplo de citações a pesquisadores de um determinado país, o que sem dúvida justifica sua implementação.

Vale notar também que, mesmo que um periódico seja muito citado pelo próprio, se os outros não o citarem o seu fator de impacto será nulo, pois a única solução da equação acima será zero em ambos os lados.

Um segundo ponto a respeito de ponderar citações por impacto é a questão de que se esse procedimento não embutiria algum tipo de dupla contagem. Os críticos⁸ argumentam que se um artigo é citado em um periódico com alto fator de impacto, ele terá mais chance de ser citado no futuro. Na média, ele de fato o será. Portanto, o que importa seria então o número de citações totais e não o número de citações ponderadas. Os defensores dessa posição fazem confusão a respeito do porquê estamos usando fatores de impacto. Aqui, eles são nossa versão dos preços das diferentes citações, i.e., uma medida da qualidade das mesmas. Se um autor é citado em periódicos que poucos lêem ou citam, isso não pode medir o mesmo que ser citado num periódico que muitos lêem e citam. Ao contrário, a segunda alternativa deve valer mais.

Ao nosso ver, a única possível crítica a interpretar fatores de impacto como preços é o fato de que não há de fato um “gasto” quando se cita, i.e., não há um mercado de fato operando. De qualquer forma, essa é uma limitação de segunda ordem *vis-à-vis* ao uso de alguma alternativa como ponderação idêntica para as diferentes citações.

No Brasil, uma das recorrentes críticas ao uso de fatores de impacto de estudos bibliométricos internacionais, como os de Kalaitzidakis et alli(2001) e Laband e Piette(1994), é que estes não incluem periódicos brasileiros – apesar de incluírem periódicos publicados em diversos países, inclusive emergentes, como se verá abaixo. Isso pode ser um problema porque grande parte das citações a pesquisadores brasileiros se dá em revistas nacionais. Como nesses estudos bibliométricos o impacto de revistas brasileiras é nulo, pois estas são sequer incluídas neles, esta parcela da produção científica está tendo ponderação nula.

Se houvesse um estudo bibliométrico que agregasse revistas nacionais e internacionais poderíamos determinar qual seria o impacto adequado a se usar para as diferentes revistas nacionais. Infelizmente, tal estudo não existe. De fato, cremos que os estudos internacionais servem satisfatoriamente para determinar o impacto das revistas internacionais. Além disso, é possível determinar o impacto relativo das revistas brasileiras usando-se Azzoni(2000) como um estudo preliminar. Logo, o grande desafio seria como concatenar o ranking das revistas nacionais e o das internacionais.

Essa concatenação é tanto interessante quanto controversa. Se tomarmos as medidas de impacto de Laband e Piette(1994), vê-se, por exemplo, que o *Journal of Development Economics*, que é possivelmente a melhor revista da área de Desenvolvimento Econômico, tem impacto 1,4 para o máximo de 100,0. Já o *Journal of Post-Keynesian Economics – JPKE* – tem impacto computado em 0,0 em 100,0. Ora, diante destes números tão reduzidos de fatores de impacto para revistas que têm seguramente mais reputação que as melhores nacionais, provavelmente considerar as nacionais como tendo impacto nulo seria razoável como primeira aproximação.

Corroborando essa nossa observação, devemos notar que o estudo Kalaitzidakis et alli (2001), além de avaliar Revistas internacionais em Inglês, também avalia algumas de outros idiomas. Em particular, avalia também as seguintes duas Revistas em idioma Espanhol: *El Trimestre Económico* e *Desarrollo Económico: Revista de Ciencias Sociales*. Note que a primeira é provavelmente a mais conceituada revista Mexicana na área de

⁸ Um dos Pareceristas argumentou exatamente isso.

Economia e a segunda está entre as mais conceituadas revistas Argentinas na área de Economia e de Ciências Sociais. Folheando-as, fica claro que ambas publicam vários artigos de qualidade indiscutível e autores conceituados internacionalmente, o que as colocaria num patamar no mínimo igual ao das melhores revistas nacionais. Apesar de cada uma delas ter destaque em âmbito regional, ambas tiveram impacto zero computado por Kalaitzidakis et alli; ver Tabela 2, p. 23. O que ocorre aqui é simples: apesar desses periódicos serem muito citados em seus respectivos países, sua penetração internacional é muito pequena, sendo pouco citados por periódicos internacionais. Por essa razão, seu impacto é nulo de acordo com a fórmula de impacto acima.

Por todas essas razões, nos parece que usar impacto nulo para periódicos nacionais seja acertado como primeira aproximação, o que pode ser revertido à medida que a academia brasileira em Economia amadureça e aumente sua penetração internacional. No atual estágio em que está nossa academia, não cremos que impacto nulo para as melhores revistas nacionais seja uma injustiça. A termo de comparação, listamos a seguir os fatores de impacto (num máximo de 100,00), computados por Kalaitzidakis et alli, para revistas conceituadas em países que têm academia tão ou mais desenvolvida que a brasileira: África do Sul (S. African J. of Econ. = 0,00), Austrália (Australian Econ. Hist. Review = 0,89), China (China Ec. Review = 0,18), França (Revue Economique = 0,10) e Japão (Japan and the World Economy = 0,41). Como se pode verificar pelos resultados acima, dado o atual estágio de nossa academia, seria de se estranhar muito que nossas melhores revistas conseguissem atingir índices de impacto não nulos *vis-à-vis* o universo pesquisado por estudos bibliométricos internacionais.

Pode-se argumentar que devamos “distorcer” os fatores de impacto em favor dos periódicos nacionais, posto que, para nós brasileiros, o que importa é que os periódicos nacionais tratam de questões nacionais não cobertas em outros periódicos, questões estas de nosso exclusivo interesse, e que nos interessam mais do que questões cobertas em periódicos internacionais. Por isso, pouco importaria o resultado de pesquisas bibliométricas internacionais, ou mesmo inferências (como a acima) a partir destas. O que mais importaria no caso é o quanto nós valorizamos os periódicos nacionais *vis-à-vis* os internacionais, i.e., algum critério brasileiro *ad hoc* privilegiando as revistas nacionais. Esse critério poderia levar em conta o “Valor Social da Academia Brasileira”.⁹

Ao nosso ver, argumentos como esses são apenas “proteccionismo acadêmico” disfarçado, visando defender o interesse de pesquisadores que preferem não se submeter ao crivo da literatura internacional. Infelizmente, essa postura gera a baixa inserção internacional da academia brasileira, conforme comprovado por Kocher e Sutter(2001, p. 412). Para o período 1977-1997, quando se conta a produção científica em Economia

⁹ Uma tabela de ponderação para a produção científica que tenta unir periódicos nacionais e internacionais no mesmo conjunto é produzida pela CAPES. Na avaliação do triênio 1998-2000 a tabela da CAPES de ponderações dá os seguintes pesos para as “melhores” revistas internacionais e nacionais respectivamente: 30 e 14. Logo, padronizando para 100,0 as melhores revistas internacionais, temos as melhores nacionais com ponderação de 46,7. Se buscarmos qual é a revista internacional a que equivale o escore de 46,7 em estudos bibliométricos, chega-se ao quarto posto – ver Laband e Piette, Tabela 2, última coluna, p. 648 – logo acima do *Journal of Monetary Economics* (41,9), *Quarterly Journal of Economics* (41,6) e *Review of Economic Studies* (40,7). Ao nosso ver, se desejássemos “distorcer” estudos bibliométricos em favor dos periódicos nacionais, seria muito difícil ir mais além do que foi a ponderação da CAPES, pois é muito difícil acreditar que algum estudo bibliométrico confirmasse que as melhores revistas nacionais tivessem impacto superior aos do *Journal of Monetary Economics*, *Quarterly Journal of Economics* e *Review of Economic Studies*.

publicada nos 15 periódicos internacionais de maior impacto, ponderando-a pelo impacto de cada um deles, autores com afiliação brasileira detém apenas 0,03% da produção acadêmica mundial, sendo que os dos EUA respondem por 72,2%, os do Reino Unido por 10,2%, da Austrália por 1,4%, de Israel por 2,1% e do México e da Rússia por 0,1% cada. Somente o departamento de Economia da Universidade de Harvard tem 110 vezes a publicação brasileira total.

Em que pese uma alvissareira e rápida evolução recente, o quadro da academia brasileira em Economia ainda é de baixíssima inserção internacional como comprovam os números acima e os resultados das comparações de produção científica feitas por Issler e Pillar(2002). De fato, com a exceção dos dois departamentos brasileiros com maior produção científica, a inserção dos departamentos restantes é tópica e não geral. A academia brasileira se parece ao comércio internacional brasileiro – é um mercado fechado – tendo a língua como sua maior barreira. Esse comportamento isolacionista não é inócua, muito pelo contrário, já nos causou diversos problemas no passado.

Um exemplo não muito distante foram os frustrados planos de estabilização da inflação que tivemos nos anos 80 e 90: Plano Cruzado I e II, Plano Verão, Plano Bresser, Plano Collor, etc. Àquela época, expoentes em vários departamentos de Economia brasileiros se esforçavam em produzir algo que poderíamos denominar de “Teoria da Inflação do Cone Sul”, que era totalmente desvinculada dos estudos internacionais sobre inflação. Nossos falidos planos de estabilização eram baseados nessas exóticas teorias e tiveram resultados desastrosos. Nesse caso, o desastre não foi puramente acadêmico ou educacional, uma vez que toda a sociedade teve que se submeter aos seus efeitos danosos. A inserção acadêmica internacional é um antídoto contra o isolacionismo e talvez tivesse agido de forma a impedir a adoção de tais políticas.

Questionamos agora o fato de que não investigamos as citações da totalidade dos quase 600 pesquisadores que formam os centros afiliados à ANPEC. Ao contrário, nos concentramos nos 136 pesquisadores mais produtivos. A razão para a falta de abrangência dessa pesquisa é a mesma que impede a existência de estudos internacionais abrangentes de citação: o alto custo em termos de tempo para as pesquisas de citação. Isso é causado pela forma com que a busca é feita – abreviações para os nomes, mas não para sobrenomes. Nesse caso, a chance de homônimos é grande, o que requer um cuidado redobrado na análise dos resultados das buscas.

Obviamente, uma pesquisa restrita para avaliar departamentos não é inócua, podendo causar viés, pois a escolha desses 136 pesquisadores não foi aleatória. Esse viés será tão maior quanto maior for a chance de que haja autores muito citados no exterior concomitantemente com baixa produção acadêmica. Dado que a chance de ocorrência desse evento nos parece relativamente baixa, o risco de haver um viés importante foi descartado. Ademais, devemos sempre comparar um método de inferência a sua alternativa, que seria avaliar diretamente as citações a quase 600 pesquisadores, com toda a dificuldade envolvendo homônimos que tivemos de enfrentar, agora numa escala quatro vezes maior. Confrontada com a alternativa, nosso método de avaliação de departamentos parece ser superior e por isso optamos por prosseguir avaliando departamentos dessa forma. De qualquer forma, pesquisas mais abrangentes podem ser deixadas para estudos futuros.

Por fim, cabe notar que quanto mais antigo for um artigo maior a chance dele ser citado. Logo, pesquisadores mais velhos têm maior chance de pontuar do que pesquisadores mais novos, pois nosso período de análise vai de 1945 até 2002.

3. RESULTADOS OBTIDOS E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

3.1 Ranking dos Pesquisadores Brasileiros Segundo Citações de Produção Científica em Periódicos Nacionais e Internacionais Ponderados por Fator de Impacto

As Tabelas 1 a 4 listam os 50 primeiros pesquisadores por ordem decrescente de citações agregadas por impacto, quando normaliza-se o pesquisador de maior citação ponderada com o índice 100,00, i.e., deve-se ler as citações normalizadas dos demais pesquisadores como porcentagens do 1º colocado. As diferenças de resultados entre as Tabelas 1 e 2 dizem respeito aos fatores de impacto utilizados para ponderar citações – enquanto a Tabela 1 usa os fatores de impacto de Laband e Piette(1994) a Tabela 2 usa os de Kalaitzidakis et alli (2001). Já as Tabelas 3 e 4 repetem os mesmos exercícios das Tabelas 1 e 2 quando excluimos auto-citações como citações válidas.

O resultado obtido na Tabela 1, para citações ponderadas pelo fator de impacto apresentado por Kalaitzidakis et alli(2001), é: Aloísio Pessoa de Araújo, como o melhor colocado (100,00 pontos), em segundo lugar Sérgio Ribeiro da Costa Werlang com 76,83, Marilda Antonio de Oliveira Sotomayor em terceiro, com 36,27, o que representa uma queda substancial em relação ao segundo colocado. A ordenação dos demais pesquisadores, dentre os dez primeiros, com menos de um terço do total apresentado pelo primeiro colocado, é: Celso Furtado, Edmar Lisboa Bacha, Paulo Klinger Monteiro, Eliana A. Cardoso, Mario Henrique Simonsen, Carlos Geraldo Langoni e Ilan Goldfajn, respectivamente. A exclusão de auto-citações não muda a ordenação dos dez primeiros colocados, apesar de haver pequenas mudanças quantitativas nos indicadores individuais de citação; ver o novo ranking apresentado na Tabela 3.

A Tabela 2 apresenta os resultados dos indicadores de citação quando se pondera cada uma pelo impacto do respectivo periódico citante, conforme medido por Laband e Piette(1994). O melhor colocado no ranking é Aloísio Pessoa de Araújo, o segundo é Sérgio Ribeiro da Costa Werlang com 60,87, com distância ainda maior do primeiro colocado. Em terceiro lugar, Marilda Antonio de Oliveira Sotomayor, com 28,41% das citações ponderadas do 1º colocado. Os demais, dentre os dez primeiros, são: Paulo Klinger Monteiro, Celso Furtado, Edmar Lisboa Bacha, Mario Henrique Simonsen, Eliana A. Cardoso, Carlos Geraldo Langoni e Ilan Goldfajn, respectivamente. A exclusão de auto-citações (Tabela 4) não apresenta nenhuma mudança notável em relação às classificações anteriores nos primeiros postos.

Vale notar alguns pontos importantes sobre os resultados até o momento: primeiro, a variação dos fatores de impacto (Laband e Piette(1994) vs. Kalaitzidakis et alli(2001)) pouco alteram os resultados finais; segundo, a exclusão de auto-citações muda muito pouco o ranking, afetando muito poucos dos autores investigados; terceiro, os dez primeiros pesquisadores foram os mesmos em todos os rankings, além de que, juntos, têm o triplo do total de citações ponderadas dos demais 126 autores avaliados; quarto, dentre os dez primeiros pesquisadores, há três da EPGE-FGV, um da USP, um da PUC-RJ e cinco sem afiliação. Convém adicionar o fato de que, dentre estes, há apenas duas mulheres.

A comparação entre Aloísio Pessoa de Araújo e Celso Furtado resume bem a essência de nossa métrica para a qualidade acadêmica. Celso Furtado é o autor brasileiro mais citado no exterior, com quase cinco vezes o número de citações totais de Aloísio Pessoa de Araújo. Entretanto, as citações ao segundo se dão em periódicos de muito maior

impacto do que às a Celso Furtado, resultando num índice de citação ponderada cinco vezes maior para Aloísio Pessoa de Araújo.

Comparando-se os resultados aqui obtidos e os obtidos em Azzoni(2000), que mede os pesquisadores mais citados no Brasil e os mais citados no exterior, dentre os mais citados no Brasil, se nos concentrássemos nos três primeiros nomes de cada ranking, notaríamos que não há nenhum nome de nossa lista que seja comum à de Azzoni. Já para os cinco primeiros, há apenas um nome em comum – o de Celso Furtado. E dentre os dez primeiros colocados, há cinco nomes comuns: Celso Furtado, Mario Henrique Simonsen, Carlos Geraldo Langoni, Edmar Lisboa Bacha e Eliana A. Cardoso. Isso ilustra o quão diferentes são estes dois rankings, principalmente nos primeiros postos. Isso pode estar relacionado com o fato de que há muitos autores no Brasil reconhecidos no exterior, que têm reconhecimento relativamente pequeno no Brasil, medido enquanto citações a suas obras. Dentre estes autores, podemos destacar Aloísio Pessoa de Araújo, Sérgio Ribeiro da Costa Werlang, Marilda Antonio de Oliveira Sotomayor, Paulo Klinger Monteiro, Carlos Geraldo Langoni e Ilan Goldfajn.

Se comparamos citações à produção científica internacional de indivíduos, assim como medido por Issler e Pillar(2002), nota-se que os mais citados são de fato os que mais produzem cientificamente. Dentre os dez mais citados no exterior e os que mais produziram cientificamente no período de 1969 a 2001, há oito nomes comuns. São eles: Aloísio Pessoa de Araújo, Sérgio Ribeiro da Costa Werlang, Marilda Antonio de Oliveira Sotomayor, Paulo Klinger Monteiro, Edmar Lisboa Bacha, Mario Henrique Simonsen, Eliana A. Cardoso e Ilan Goldfajn.

Em tese, poderíamos fazer o mesmo exercício, comparando citações à produção científica nacional de indivíduos. Os resultados de citações nacionais poderiam ser extraídos de Azzoni. Entretanto, ainda resta determinar uma medida de produção científica nacional. Talvez a que mais se aproxime desta seja a produção científica de indivíduos desde 1969, ponderada pelos fatores de impacto usados pela CAPES na avaliação dos departamentos brasileiros no triênio 1998-2000; ver Issler e Pillar(2002). O resultado surpreende, pois há apenas 3 nomes em comum na lista dos dez primeiros: Edmar Lisboa Bacha, Eliana A. Cardoso e Mario Henrique Simonsen. À luz desses resultados, resta perguntar o que exatamente mede a produção científica usando as ponderações da CAPES.

3.2 Ranking de Departamentos Brasileiros Segundo Citações de Produção Científica em Periódicos Nacionais e Internacionais Ponderados por Fator de Impacto

As Tabelas 5 e 6 apresentam os resultados para a classificação dos departamentos brasileiros a partir do total de citações ponderadas de pesquisadores afiliados a cada instituição. Como cada pesquisador investigado pode ou não pertencer a alguma instituição afiliada à ANPEC, podemos classificar as citações totais de cada instituição e também a dos autores não afiliados a nenhuma instituição, com resultados apresentados nessas duas tabelas.

O resultado obtido nas Tabelas 5 e 6 é o seguinte: para ambos os critérios de ponderação de periódicos, Kalaitzidakis et alli(2001) e Laband e Piette(1994), assim como para os rankings com inclusão e exclusão de auto-citações, a EPGE-FGV responde por mais de 50% do total ponderado de citações apresentado pelos 136 pesquisadores investigados. Em segundo lugar, com 30%, das citações totais, estão os pesquisadores sem afiliação, em terceiro lugar, a USP, com aproximadamente 8% das citações totais, em

quarto lugar, a PUC-RJ, com aproximadamente 3% das citações totais, e, em quinto lugar, a UFRJ (a UFF também aparece uma vez, no lugar da UFRJ), com aproximadamente 1% das citações totais.

Se considerarmos apenas pesquisadores com afiliação a centros da ANPEC, nota-se a grande diferença que existe entre a EPGE-FGV e as demais colocadas, pois a primeira tem mais de 6 vezes a citação ponderada da USP, quase vinte vezes a da PUC-RJ e mais de 50 vezes a da UFRJ. Disparidades desse tipo entre a EPGE-FGV e os demais centros de Economia do Brasil já havia sido notada em Faria(2000), quando este mediu a produção científica de autores brasileiros em oito periódicos internacionais de elite (“Blue Ribbon Journals”). Lá, a diferença entre a EPGE-FGV e a PUC-RJ (a segunda colocada) era de sete vezes. Por fim, vale notar a supremacia das instituições situadas no Rio de Janeiro nos primeiros postos do ranking, algo já notado anteriormente por Issler e Pillar(2002).

3.3 Área de Atuação dos Pesquisadores Brasileiros Mais Citados no Exterior

Utilizando-se como medida de excelência o total de citações ponderadas, as áreas que podem ser consideradas como as mais importantes da pesquisa nacional são as áreas em que atuam os seus mais importantes pesquisadores. Como os dez primeiros pesquisadores dos rankings por citação ponderada (Tabelas 1 e 2) respondem por aproximadamente 72% do total apresentado pelos 136 pesquisadores avaliados, consideramos as áreas de atuação destes dez primeiros pesquisadores como representativas das áreas em que se destaca a pesquisa brasileira em Economia.

Os principais pesquisadores e suas respectivas áreas de atuação, segundo o código JEL (*Journal of Economic Literature*), apresentado no Apêndice, são: Aloísio Pessoa de Araújo – C e D; Sérgio Ribeiro da Costa Werlang – C; Marilda Antonio de Oliveira Sotomayor – C; Paulo Klingner Monteiro – C e D; Celso Furtado – O e N; Edmar Lisboa Bacha – O e E; Mario Henrique Simonsen – E; Eliana A. Cardoso – O e E; Carlos Geraldo Langoni – E e J; Ilan Goldfajn – F e E.

Dos 75% do total ponderado de citações apresentado pelos 50 primeiros pesquisadores juntos, os dez pesquisadores mais importantes têm produção científica distribuída segundo áreas de atuação da seguinte forma: em torno de 50% deste total de citações ponderadas está relacionado à produção científica em C ou Métodos Matemáticos e Quantitativos, 19% em D ou Microeconomia, 12% em E ou Macroeconomia e Economia Monetária e 9% em O ou Desenvolvimento Econômico, Mudança Tecnológica e Crescimento. O destaque dado a Métodos Matemáticos e Quantitativos se dá pelo fato de que Aloísio Pessoa de Araújo, Sérgio Ribeiro da Costa Werlang e Marilda Antonio de Oliveira Sotomayor juntos, os três primeiros pesquisadores dos rankings, totalizam, aproximadamente, 50% do total ponderado de citações apresentado pelos demais 133 pesquisadores juntos.

3.4 Correlações com Produção Científica e Outras Variáveis

A Tabela 7 apresenta os resultados da estimativa da matriz de correlação para um conjunto de variáveis relacionadas à qualidade acadêmica de pesquisadores brasileiros. Os índices de citação são os discutidos nesta Seção, enquanto as outras medidas de qualidade acadêmica dos pesquisadores foram extraídas do estudo de Issler e Pillar(2002). A partir dos resultados obtidos na Tabela 7, podemos concluir o seguinte: citações ponderadas são

altamente correlacionadas entre si (diferentes índices de impacto) e altamente correlacionadas com medidas de produção científica, com coeficientes de correlação acima de 0.85. Há também correlação positiva e significativa entre a citação ponderada e a qualidade do departamento do autor citado, embora seu valor não seja muito grande (em torno de 0.20). Apesar de ser notório que leve algum tempo para que autores atinjam um número razoável de citações, as citações ponderadas não são correlacionadas com o número de anos desde o doutoramento. Esse resultado talvez se modifique caso se use uma sub-amostra dos 136 pesquisadores e é o único da Tabela 7 que nos surpreendeu.

4. CONCLUSÕES

Este artigo teve como principal objetivo classificar pesquisadores brasileiros a partir de citações ponderadas por impacto em periódicos internacionais com corpo editorial. Os estudos usados para determinar o impacto dos periódicos citantes foram Laband e Piette(1994) e Kalaitzidakis et alli(2001). Citações foram consideradas desde 1945 a 2002, usando como mecanismo de busca a *Web of Science*. Os pesquisadores avaliados foram os que pertenceram a algum dos rankings de pesquisadores por produção científica ponderada apresentados em Issler e Pillar(2002, Tabelas 7, 9 e 13)¹⁰ além dos demais dentre os cinquenta mais citados no Brasil apresentados em Azzoni(2000). A listagem dos 136 pesquisadores avaliados está no Apêndice.

Os dez pesquisadores de Economia com maior citação ponderada são, nessa ordem: Aloísio Pessoa de Araújo, Sérgio Ribeiro da Costa Werlang, Marilda Antonio de Oliveira Sotomayor, Paulo Klinger Monteiro, Celso Furtado, Edmar Lisboa Bacha, Mario Henrique Simonsen, Eliana A. Cardoso, Carlos Geraldo Langoni e Ilan Goldfajn. Dentre os pesquisadores mais citados no exterior, estão cinco dos dez mais citados no Brasil apresentados por Azzoni, são estes: Celso Furtado, Mario Henrique Simonsen, Carlos Geraldo Langoni, Edmar Lisboa Bacha e Eliana A. Cardoso. É importante destacar que apenas um destes pesquisadores possui menos de dez anos desde o doutoramento – Ilan Goldfajn.

Foi observada uma estreita relação entre o total de produção científica e o total de citações ponderadas apresentados por cada pesquisador, de modo que os mais citados em periódicos consagrados no exterior são, em sua maioria, os mais produtivos do país. Porém, outro ponto a notar, é a possível divisão entre os pesquisadores que se dedicam a produzir majoritariamente para o exterior e os que se dedicam à produção nacional, visto que nem todos os mais citados no Brasil, apresentados em Azzoni(2000), estão dentre os mais citados no exterior, pois boa parte dos pesquisadores brasileiros se especializou na produção de artigos para periódicos internacionais.

¹⁰Os pesquisadores listados em Issler e Pillar(2002) são de categoria NRD 0 até NRD 6 de instituições ou centros afiliados à ANPEC (EPGE-FGV, PUC-RJ, USP, UnB, UFF, UFRJ, UFSC, UFU, USU, UFPE, EAESP-FGV, UFMG, UFRGS, UNICAMP, UEM, PUC-SP, UFC, UFPR, UFBA, UFPB, UFES), assim como os listados por Azzoni (2000, Tabela 7) e por Faria (2000, Tabela 6).

Em termos de instituições de ensino e pesquisa, cabe destaque à EPGE-FGV, com 3 pesquisadores dentre os dez primeiros, seguida da USP, com um, e da PUC-RJ, também com um. Fica clara também a predominância do Rio de Janeiro como pólo de importância acadêmica em Economia, algo já notado anteriormente por Issler e Pillar(2002).

Com relação a áreas de Economia em que pesquisadores brasileiros tenham excelência no exterior sobressai-se Métodos Matemáticos e Quantitativos, visto que é a área em que atuam os pesquisadores com maior citação ponderada do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, Aloísio P. “Aula Magna Proferida no Encontro Nacional de Economia da ANPEC”. Belém, 1999, Mimeo, EPGE-FGV e Vídeo, ANPEC.
- Azzoni, Carlos Roberto. “Clássicos da literatura econômica brasileira”. *Economia Aplicada*, Volume 2, 4, 1998, pp. 771-780.
- Azzoni, Carlos Roberto. “Desempenho das revistas e dos departamentos de Economia brasileiros segundo publicações e citações recebidas no Brasil”. *Economia Aplicada*, Volume 4, 2000, pp. 787-822.
- Barrett, Christopher B., Olin, Aliakbar, Bailey, Dee Von. “Subdiscipline-Specific Journal Rankings: Whither Applied Economics?”. *Applied Economics*, 1998.
- Baumann, Michael G., Werden, Gregory J., Williams, Michael A. “Rankings of Economics Departments by Field”. *The American Economist*, Volume 31, 1987, pp. 56-61.
- Conroy, Michael E., Dusansky, Richard, Drukker, David, Kildegaard, Arne. “The Productivity of Economics Departments in the U.S.: Publications in the Core Journals”. *Journal of Economic Literature*, Volume 33, 1995, pp. 1966-1971.
- Coupé, Tom. “Revealed Performances - Worldwide Rankings of Economists and Economics Departments”. Mimeo.
- Davis, Paul e Papanek, Gustav. “Faculty Ratings of Major Economics Departments by Citations”. *American Economic Review*, 74(1), 1984, pp. 225-230.
- Diamond, Arthur M. “The Core Journals of Economics”. *Current Contents*, 1, 1989, pp. 4-11.
- Dusansky, Richard, Vernon, Clayton J. “Rankings of U.S. Economics Departments”. *Journal of Economic Perspectives*, Volume 12, 1998, pp. 157-170.
- Einav, Liran, Griliches, Zvi. “Correspondence”. *Journal of Economic Perspectives*, Volume 12, 1998, pp. 231-238.
- Faria, João Ricardo. “The research output of academic economists in Brazil”. *Economia Aplicada*, Volume 4, 2000, pp. 95-113.
- Fox, Kevin J. e Milbourne, R. “What Determines Research Output of Academic Economists?”. *Economic Record*, Volume 75(230), September 1999, pp. 256-267.
- Frick, S.T.F. “Produção Científica nos Principais Centros de Ensino e Pesquisa de Economia no Brasil”. Tese de Doutorado, ECA-USP, 1991.
- Gonçalves, R. e David, M.D. “A Produção Acadêmica nas Principais Revistas de Economia: Balanço de uma Década”. *Literatura Econômica*, Volume 4, 3, pp. 283-380, 1982.
- Graves, Philip E., Marchand, James R. e Thompson, Randall. “Economics Departmental Rankings: Research Incentives, Constraints, and Efficiency”. *American Economic Review*, 72(5), December 1982, pp. 1131-1141.

- Graves, Philip E., Marchand, James R. e Thompson, Randall. “Economics Departmental Rankings: Reply and Errata”. *American Economic Review*, Volume 74, 4, September 1984, pp. 834-836.
- Hirsch, Barry T., Austin, Randall, Brooks, John and Moore, J. Bradley. “Economics Departmental Rankings: Comment”. *American Economic Review*, Volume 74, 1984, pp. 822-826.
- Hogan, Timothy. “Economics Departmental Rankings: Comment [Economics Departmental Rankings: Research Incentives, Constraints and Efficiency]”. *American Economic Review*, 74(4), September 1984, pp. 827-833.
- Issler, J.V. e Pillar, T.C.A. “Mensurando a Produção Científica Internacional em Economia de Pesquisadores e Departamentos Brasileiros”. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Volume 32, 2, Agosto 2002, pp. 323-381.
- Kalaitzidakis, Pantelis, Mamuneas, Theofanis P., Stengos, Thanasis. “European Economics: An Analysis Based on Publications in the Core Journals”. *European Economic Review* 43, April 1999, pp. 1150-1168.
- Kalaitzidakis, Pantelis, Mamuneas, Theofanis P., Stengos, Thanasis. “Rankings of Academic Journals and Institutions in Economic”. Mimeo, 2001.
- Kocher, Martin G. e Sutter, Matthias. “The Institutional Concentration of Authors in Top Journals of Economics During the Last Two Decades”. *The Economic Journal*, Volume 111(472), 2001, pp.405-421.
- Kirman, Alan e Dahl, Mogens. “Economic Research in Europe”. *European Economic Review*, 38(3-4), April 1994, pp. 505-522.
- Laband, David N., Piette, Michael J. “The Relative Impacts of Economics Journals: 1970-1990”. *Journal of Economics Literature* Volume 32, 1994, pp. 640-666.
- Liebowitz, S.J., Palmer, J.P. “Assessing the Relative Impacts of Economics Journals”. *Journal of Economic Literature*, Volume 22, 1984, pp. 77-88.
- Moore, William. “The Relative Quality of Graduate Programs in Economics, 1958-1972: Who Published and Who Perished”. *Western Economic Journal*, 11(1), March 1973, pp.1-23.
- Oster, Sharon M., Hamermesh, Daniel S. “Aging and Productivity among Economists”. *The Review of Economics and Statistics*, 1998, pp. 154-157.
- Scott, Loren C., Mitias, Peter M. “Trends in Rankings of Economics Departments in the U.S.: An Update”. *Economic Inquiry*, Volume 34, 1996, pp. 378-400.
- Siegfried, John. “The Publishing of Economic Papers and its Impact on Graduate Faculty Ratings, 1960-1969”. *Journal of Economic Literature*, 10(1), March 1972, pp. 31-49.

APÊNDICE:

Tabela 1: Ranking dos Pesquisadores Brasileiros de Economia Segundo Citações Ponderadas pelos Fatores de Impacto Definidos por Kalaitzidakis et alli (2001, 1ª Coluna da Tabela 2) – 1945 até 2002.

Ranking	Nome	Anos desde o Doutorado	Instituição	Total de Citações	Total Ponderado de Citações (Padronizado)
1	Aloísio Pessoa de Araújo	28	EPGE-FGV	167	100,00
2	Sérgio Ribeiro da Costa Werlang	16	EPGE-FGV	142	76,83
3	Marilda Antonio de O. Sotomayor	21	USP	73	36,27
4	Celso Furtado	54	-	722	25,26
5	Edmar Lisboa Bacha	-	-	303	23,85
6	Paulo Klinger Monteiro	14	EPGE-FGV	65	23,55
7	Eliana A. Cardoso	-	-	213	16,51
8	Mario Henrique Simonsen	29	-	160	16,25
9	Carlos Geraldo Langoni	32	-	108	13,12
10	Ilan Goldfajn	7	PUC-RJ	61	8,67
11	Flavio Marques Menezes	9	EPGE-FGV	20	7,15
12	Marco Antonio César Bonomo	10	EPGE-FGV	17	6,36
13	Ricardo Paes de Barros	15	-	60	5,76
14	Francisco Lafaite P. Lopes	30	-	58	4,53
15	José Luiz Carvalho	30	USU	38	4,42
16	Armínio Fraga Neto	17	EPGE-FGV	18	4,39
17	Pedro Sampaio Malan	29	-	65	4,10
18	João Victor Issler	9	EPGE-FGV	22	3,53
19	Theotônio dos Santos Junior	8	UFF	338	3,51
20	Persio Arida	-	-	54	3,47
21	Affonso Celso Pastore	33	EPGE-FGV	61	3,42
22	Antônio Maria da Silveira	31	UFU	33	3,42
23	Claudio L. S. Haddad	28	-	19	3,41
24	Marcelo de Paiva Abreu	25	PUC-RJ	58	3,23
25	Fernando Henrique Cardoso	41	-	682	3,15
26	Marcos de Barros Lisboa	6	EPGE-FGV	4	3,08
27	Ricardo de Oliveira Cavalcanti	5	EPGE-FGV	11	2,97
28	Carlos Brunet Martins Filho	10	EPGE-FGV	10	2,81
29	Maria Cristina Trindade Terra	8	EPGE-FGV	6	2,46
30	Roberto Macedo	28	-	41	2,44
31	Claudio R. Contador	-	-	74	2,36
32	Edward J. Amadeo	-	-	69	2,23
33	Carlos Manuel Pelaez	-	-	57	2,23
34	Antonio Carlos Lemgruber	-	-	37	2,01
35	Reinaldo Gonçalves	16	UFRJ	13	1,98
36	Marcelo Cortes Néri	10	UFF	8	1,93
37	Eugênio Gudín	-	-	16	1,83
38	Helson Cavalcante Braga	23	-	33	1,81
39	Regis Bonelli	-	-	46	1,66
40	Antonio Salazar Pessoa Brandão	24	EPGE-FGV	35	1,52

41	Paulo Israel Singer	36	USP	235	1,52
42	Antônio Delfim Netto	-	-	9	1,45
43	Clovis José D. L. Darrigue de Faro	28	EPGE-FGV	40	1,37
44	Fernando de Holanda Barbosa	27	EPGE-FGV	25	1,33
45	Fernando Jose Cardim de Carvalho	16	UFRJ	62	1,13
46	Juan Hersztajn Moldau	26	USP	5	1,12
47	Eduardo Marco Modiano	-	-	43	1,03
48	Marcelo Fernandes	3	EPGE-FGV	2	1,00
49	Afonso Sant'Anna Bevilaqua	9	PUC-RJ	4	0,95
50	Francisco de Hollanda G. Ferreira	6	PUC-RJ	25	0,91

Notas: Estes valores foram obtidos da seguinte forma: (1) através de consulta ao banco de dados da CAPES (<http://webofscience.com>), obteve-se citações referentes a cada autor; (2) ponderou-se o periódico referente a cada citação segundo fator de impacto definido por Kalaitzidakis et alli (2001, 1a Coluna da Tabela 2); (3) atribuiu-se 100.00 pontos ao primeiro pesquisador do ranking, Aloísio Pessoa de Araújo que totalizou 5318.19 pontos, considerando-se os demais pesquisadores relativamente proporcionais.

Tabela 2: Ranking dos Pesquisadores Brasileiros de Economia Segundo Citações Ponderadas pelos Fatores de Impacto Definidos por Laband e Piette (1994, 3ª Coluna da Tabela 2) – 1945 até 2002.

Ranking	Nome	Anos desde o Doutorado	Instituição	Total de Citações	Total Ponderado de Citações (Padronizado)
1	Aloísio Pessoa de Araújo	28	EPGE-FGV	167	100,00
2	Sérgio Ribeiro da Costa Werlang	16	EPGE-FGV	142	60,87
3	Marilda Antonio de O. Sotomayor	21	USP	73	28,41
4	Paulo Klinger Monteiro	14	EPGE-FGV	65	27,87
5	Celso Furtado	54	-	722	22,76
6	Edmar Lisboa Bacha	-	-	303	20,44
7	Mario Henrique Simonsen	29	-	160	12,16
8	Eliana A. Cardoso	-	-	213	10,78
9	Carlos Geraldo Langoni	32	-	108	9,20
10	Ilan Goldfajn	7	PUC-RJ	61	6,24
11	Flavio Marques Menezes	9	EPGE-FGV	20	5,12
12	Marco Antonio Cesar Bonomo	10	EPGE-FGV	17	5,06
13	Clovis José D. L. Darrigue de Faro	28	EPGE-FGV	40	4,39
14	Antônio Maria da Silveira	31	UFU	33	4,32
15	José Luiz Carvalho	30	USU	38	4,30
16	Ricardo Paes de Barros	15	-	60	4,14
17	Pedro Sampaio Malan	29	-	65	3,75
18	Fernando Henrique Cardoso	41	-	682	3,67
19	Armínio Fraga Neto	17	EPGE-FGV	18	3,41
20	Carlos Manuel Pelaez	-	-	57	3,25
21	Ricardo de Oliveira Cavalcanti	5	EPGE-FGV	11	3,08
22	João Victor Issler	9	EPGE-FGV	22	3,02
23	João Luiz Maurity Sabóia	27	UFRJ	43	2,97
24	Claudio L. S. Haddad	28	-	19	2,78
25	Carlos Brunet Martins Filho	10	EPGE-FGV	10	2,68
26	Maria Cristina Trindade Terra	8	EPGE-FGV	6	2,62
27	Marcelo de Paiva Abreu	25	PUC-RJ	58	2,58
28	Persio Arida	-	-	54	2,54
29	Antonio Carlos Lemgruber	-	-	37	2,52
30	Claudio R. Contador	-	-	74	2,47
31	Marcelo Cortes Néri	10	UFF	8	2,38
32	Francisco Lafaita P. Lopes	30	-	58	2,37
33	Edward J. Amadeo	-	-	69	2,33
34	Theotonio dos Santos Junior	8	UFF	338	2,23
35	Affonso Celso Pastore	33	EPGE-FGV	61	2,16
36	Marcos de Barros Lisboa	6	EPGE-FGV	4	1,76
37	Roberto Macedo	28	-	41	1,61
38	Jose Roberto Mendonça de Barros	-	-	136	1,51
39	Antônio Delfim Netto	-	-	9	1,39
40	Reinaldo Gonçalves	16	UFRJ	13	1,23
41	Eugênio Gudín	-	-	16	1,06
42	Afonso Sant'Anna Bevilaqua	9	PUC-RJ	4	1,05

43	Antonio Salazar Pessoa Brandão	24	EPGE-FGV	35	1,04
44	Regis Bonelli	-	-	46	0,93
45	Juan Hersztajn Moldau	26	USP	5	0,88
46	Laércio Barbosa Pereira	14	UFSC	38	0,83
47	Helson Cavalcante Braga	23	-	33	0,77
48	Paulo Israel Singer	36	USP	235	0,71
49	Fernando Jose Cardim de Carvalho	16	UFRJ	62	0,67
50	Fernando de Holanda Barbosa	27	EPGE-FGV	25	0,66

Notas: Estes valores foram obtidos da seguinte forma: (1) através de consulta ao banco de dados da CAPES (<http://webofscience.com>), obteve-se citações referentes a cada autor; (2) ponderou-se o periódico referente a cada citação segundo fator de impacto definido por Laband e Piette (1994, 3a Coluna da Tabela 2); (3) atribuiu-se 100.00 pontos ao primeiro pesquisador do ranking, Aloisio Pessoa de Araújo que totalizou 3959.40 pontos, considerando-se os demais pesquisadores relativamente proporcionais.

Tabela 3: Ranking dos Pesquisadores Brasileiros de Economia Segundo Citações Ponderadas pelos Fatores de Impacto Definidos por Kalaitzidakis et alli (2001, 1ª Coluna da Tabela 2) Após Exclusão de Auto-citações – 1945 até 2002.

Ranking	Nome	Anos desde o Doutorado	Instituição	Total de Citações	Total Ponderado de Citações (Padronizado)
1	Aloísio Pessoa de Araújo	28	EPGE-FGV	155	100,00
2	Sérgio Ribeiro da Costa Werlang	16	EPGE-FGV	138	83,42
3	Marilda Antonio de O. Sotomayor	21	USP	67	35,96
4	Celso Furtado	54	-	713	28,34
5	Edmar Lisboa Bacha	-	-	289	26,11
6	Paulo Klinger Monteiro	14	EPGE-FGV	51	21,95
7	Mario Henrique Simonsen	29	-	156	18,23
8	Eliana A. Cardoso	-	-	207	18,23
9	Carlos Geraldo Langoni	32	-	106	14,72
10	Ilan Goldfajn	7	PUC-RJ	57	7,76
11	Flavio Marques Menezes	9	EPGE-FGV	16	7,13
12	Marco Antonio Cesar Bonomo	10	EPGE-FGV	15	6,68
13	Ricardo Paes de Barros	15	-	56	6,36
14	Francisco Lafaite P. Lopes	30	-	56	4,98
15	José Luiz Carvalho	30	USU	33	4,95
16	Armínio Fraga Neto	17	EPGE-FGV	18	4,93
17	Pedro Sampaio Malan	29	-	63	4,56
18	Antônio Maria da Silveira	31	UFU	29	3,83
19	Claudio L. S. Haddad	28	-	16	3,83
20	Affonso Celso Pastore	33	EPGE-FGV	59	3,76
21	Persio Arida	-	-	52	3,70
22	Marcelo de Paiva Abreu	25	PUC-RJ	51	3,56
23	Fernando Henrique Cardoso	41	-	677	3,53
24	Marcos de Barros Lisboa	6	EPGE-FGV	4	3,46
25	Ricardo de Oliveira Cavalcanti	5	EPGE-FGV	10	3,33
26	Roberto Macedo	28	-	40	2,74
27	Carlos Brunet Martins Filho	10	EPGE-FGV	9	2,69
28	Claudio R. Contador	-	-	71	2,64
29	Edward J. Amadeo	-	-	63	2,48
30	Carlos Manuel Pelaez	-	-	54	2,48
31	João Victor Issler	9	EPGE-FGV	22	2,44
32	Antonio Carlos Lemgruber	-	-	31	2,25
33	Reinaldo Gonçalves	16	UFRJ	12	2,22
34	Marcelo Cortes Néri	10	UFF	8	2,17
35	Eugênio Gudín	-	-	16	2,05
36	Helson Cavalcante Braga	23	-	29	1,99
37	Theotonio dos Santos Junior	8	UFF	336	1,98
38	Regis Bonelli	-	-	43	1,72
39	Antonio Salazar Pessoa Brandão	24	EPGE-FGV	32	1,71
40	Paulo Israel Singer	36	USP	230	1,70
41	Maria Cristina Trindade Terra	8	EPGE-FGV	5	1,69
42	Antônio Delfim Netto	-	-	9	1,63

43	Clovis José D. L. Darrigue de Faro	28	EPGE-FGV	32	1,45
44	Fernando de Holanda Barbosa	27	EPGE-FGV	24	1,40
45	Juan Hersztajn Moldau	26	USP	5	1,25
46	Fernando Jose Cardim de Carvalho	16	UFRJ	56	1,22
47	Eduardo Marco Modiano	-	-	40	1,15
48	Marcelo Fernandes	3	EPGE-FGV	2	1,12
49	Afonso Sant'Anna Bevilaqua	9	PUC-RJ	3	1,07
50	Carlos Von Doellinger	-	-	24	0,92

Notas: Estes valores foram obtidos da seguinte forma: (1) através de consulta ao banco de dados da CAPES (<http://webofscience.com>), obteve-se citações referentes a cada autor; (2) excluiu-se todas as auto-citações; (3) ponderou-se o periódico referente a cada citação segundo fator de impacto definido por Kalaitzidakis et alli (2001, 1a Coluna da Tabela 2); (4) atribuiu-se 100.00 pontos ao primeiro pesquisador do ranking, Aloísio Pessoa de Araújo que totalizou 4741.43 pontos, considerando-se os demais pesquisadores relativamente proporcionais.

Tabela 4: Ranking dos Pesquisadores Brasileiros de Economia Segundo Citações Ponderadas pelos Fatores de Impacto Definidos por Laband e Piette (1994, 3ª Coluna da Tabela 2) Após Exclusão de Auto-citações – 1945 até 2002.

Ranking	Nome	Anos desde o Doutorado	Instituição	Total de Citações	Total Ponderado de Citações (Padronizado)
1	Aloísio Pessoa de Araújo	28	EPGE-FGV	155	100,00
2	Sérgio Ribeiro da Costa Werlang	16	EPGE-FGV	138	65,64
3	Marilda Antonio de O. Sotomayor	21	USP	67	27,65
4	Paulo Klinger Monteiro	14	EPGE-FGV	51	25,87
5	Celso Furtado	54	-	713	25,51
6	Edmar Lisboa Bacha	-	-	289	22,77
7	Mario Henrique Simonsen	29	-	156	13,63
8	Eliana A. Cardoso	-	-	207	12,04
9	Carlos Geraldo Langoni	32	-	106	10,31
10	Ilan Goldfajn	7	PUC-RJ	57	5,76
11	Marco Antonio Cesar Bonomo	10	EPGE-FGV	15	5,65
12	Flavio Marques Menezes	9	EPGE-FGV	16	5,57
13	Antônio Maria da Silveira	31	UFU	29	4,85
14	José Luiz Carvalho	30	USU	33	4,82
15	Ricardo Paes de Barros	15	-	56	4,60
16	Pedro Sampaio Malan	29	-	63	4,20
17	Fernando Henrique Cardoso	41	-	677	4,11
18	Clovis José D. L. Darrigue de Faro	28	EPGE-FGV	32	4,11
19	Armínio Fraga Neto	17	EPGE-FGV	18	3,83
20	Carlos Manuel Pelaez	-	-	54	3,64
21	Ricardo de Oliveira Cavalcanti	5	EPGE-FGV	10	3,20
22	Claudio L. S. Haddad	28	-	16	3,12
23	João Luiz Maurity Sabóia	27	UFRJ	42	3,10
24	Marcelo de Paiva Abreu	25	PUC-RJ	51	2,89
25	Antonio Carlos Lemgruber	-	-	31	2,81
26	Persio Arida	-	-	52	2,78
27	Claudio R. Contador	-	-	71	2,77
28	Marcelo Cortes Néri	10	UFF	8	2,67
29	Carlos Brunet Martins Filho	10	EPGE-FGV	9	2,65
30	Francisco Lafaite P. Lopes	30	-	56	2,62
31	Edward J. Amadeo	-	-	63	2,60
32	Affonso Celso Pastore	33	EPGE-FGV	59	2,40
33	Marcos de Barros Lisboa	6	EPGE-FGV	4	1,98
34	Roberto Macedo	28	-	40	1,81
35	Maria Cristina Trindade Terra	8	EPGE-FGV	5	1,76
36	Antônio Delfim Netto	-	-	9	1,55
37	Reinaldo Gonçalves	16	UFRJ	12	1,38
38	Theotonio dos Santos Junior	8	UFF	336	1,36
39	Eugênio Gudín	-	-	16	1,19
40	Afonso Sant'Anna Bevilaqua	9	PUC-RJ	3	1,18
41	Antonio Salazar Pessoa Brandão	24	EPGE-FGV	32	1,16
42	Regis Bonelli	-	-	43	1,01

43	João Victor Issler	9	EPGE-FGV	22	1,01
44	Juan Hersztajn Moldau	26	USP	5	0,99
45	Laércio Barbosa Pereira	14	UFSC	35	0,93
46	Jose Roberto Mendonça de Barros	-	-	131	0,87
47	Helson Cavalcante Braga	23	-	29	0,86
48	Paulo Israel Singer	36	USP	230	0,79
49	Fernando Jose Cardim de Carvalho	16	UFRJ	56	0,74
50	Fernando de Holanda Barbosa	27	EPGE-FGV	24	0,74

Notas: Estes valores foram obtidos da seguinte forma: (1) através de consulta ao banco de dados da CAPES (<http://webofscience.com>), obteve-se citações referentes a cada autor; (2) excluiu-se todas as auto-citações; (3) ponderou-se o periódico referente a cada citação segundo fator de impacto definido por Laband e Piette (1994, 3a Coluna da Tabela 2); (4) atribuiu-se 100.00 pontos ao primeiro pesquisador do ranking, Aloísio Pessoa de Araújo que totalizou 3531.80 pontos, considerando-se os demais pesquisadores relativamente proporcionais.

Tabela 5: Ranking dos Departamentos Brasileiros a Partir do Total de Citações, Apresentado Pelos Pesquisadores Afiliados, Ponderado pelo Fator de Impacto Dado por Kalaitzidakis et alli (2001, 1ª Coluna da Tabela 2)

Exclusão de Auto-citações			Inclusão de Auto-citações		
Ranking	Instituição	Total de Citações Ponderado e Padronizado	Ranking	Instituição	Total de Citações Ponderado e Padronizado
1	EPGE-FGV	51,46	1	EPGE-FGV	52,46
2	Sem afiliação	32,63	2	Sem afiliação	30,69
3	USP	8,22	3	USP	8,56
4	PUC-RJ	3,02	4	PUC-RJ	3,24
5	UFRJ	1,11	5	UFF	1,30
6	USU	1,04	6	UFRJ	1,10
7	UFF	1,00	7	USU	0,96
8	UFU	0,80	8	UFU	0,74
9	UnB	0,26	9	UnB	0,40
10	UFSC	0,17	10	UFSC	0,24
11	UNICAMP	0,15	11	UNICAMP	0,15
12	EAESP-FGV	0,10	12	EAESP-FGV	0,11
13	UFMG	0,03	13	UFMG	0,03
14	UFRGS	0,02	14	UFRGS	0,02
15	UFPE	0,00	15	UFPE	0,00
16	UFPR	0,00	16	UFPR	0,00
17	TOTAL	100,00	17	TOTAL	100,00

Nota: Esses valores foram calculados da seguinte forma: (1) a partir dos resultados apresentados nas Tabelas 1 e 3, os pesquisadores foram agrupados por instituições às quais estão afiliados; (2) estabeleceu-se um ranking de instituições a partir do total de citações ponderadas; (3) o total de citações ponderadas apresentado por todos os pesquisadores juntos foi normalizado em 100, sendo o total apresentado por cada instituição um percentual deste. (4) O total de citações ponderadas pelo fator de impacto dado por Kalaitzidakis et alli (2001, 1ª Coluna da Tabela 2) com exclusão de auto-citações foi 22845.99, sendo que a EPGE-FGV, primeira colocada do ranking, responde por 11757.13 pontos; e o total com inclusão de auto-citações foi 24587.39 dos quais a EPGE-FGV responde por 12899.68.

Tabela 6: Ranking dos Departamentos Brasileiros a Partir do Total de Citações, Apresentado Pelos Pesquisadores Afiliados, Ponderado pelo Fator de Impacto Dado por Laband e Piette (1994, 3ª Coluna da Tabela 2)

Exclusão de Auto-citações			Inclusão de Auto-citações		
Ranking	Instituição	Total de Citações Ponderado e Padronizado	Ranking	Instituição	Total de Citações Ponderado e Padronizado
1	EPGE-FGV	54,18	1	EPGE-FGV	55,69
2	Sem afiliação	30,20	2	Sem afiliação	28,20
3	USP	7,08	3	USP	7,51
4	PUC-RJ	2,96	4	PUC-RJ	3,02
5	UFRJ	1,35	5	UFRJ	1,33
6	UFU	1,16	6	UFF	1,19
7	USU	1,15	7	UFU	1,07
8	UFF	1,02	8	USU	1,06
9	UnB	0,33	9	UnB	0,36
10	UFSC	0,22	10	UFSC	0,26
11	EAESP-FGV	0,13	11	EAESP-FGV	0,12
12	UNICAMP	0,09	12	UNICAMP	0,09
13	UFPE	0,06	13	UFPE	0,06
14	UFMG	0,04	14	UFMG	0,04
15	UFRGS	0,01	15	UFRGS	0,01
16	UFPR	0,00	16	UFPR	0,00
17	TOTAL	100,00	17	TOTAL	100,00

Nota: Esses valores foram calculados da seguinte forma: (1) a partir dos resultados apresentados nas Tabelas 2 e 4, os pesquisadores foram agrupados por instituições às quais estão afiliados; (2) estabeleceu-se um ranking de instituições a partir do total de citações ponderadas; (3) o total de citações ponderadas apresentado por todos os pesquisadores juntos foi normalizado em 100, sendo o total apresentado por cada instituição um percentual deste. (4) O total de citações ponderadas pelo fator de impacto dado por Laband e Piette (1994, 3ª Coluna da Tabela 2) com exclusão de auto-citações foi 14788.40, sendo que a EPGE-FGV, primeira colocada do ranking, responde por 8012.80 pontos; e o total com inclusão de auto-citações foi 15991.67 dos quais a EPGE-FGV responde por 8905.50.

Tabela 7: Correlação entre Total Ponderado de Citações e Diferentes Variáveis

	Anos Doutorado	Ranking Instituição - Laband e Piette(1994) ^(a)	Ranking Instituição - Kalaitzidakis et alli(2001) ^(b)	Citação Ponderada - Laband e Piette(1994) ^(c)	Citação Ponderada - Kalaitzidakis et alli(2001) ^(d)	Citação Ponderada Sem Auto-citação - Laband e Piette(1994) ^(e)	Citação Ponderada Sem Auto-citação - Kalaitzidakis et alli(2001) ^(f)	Produção Científica Ponderada - Laband e Piette(1994) ^(g)	Produção Científica Ponderada - Kalaitzidakis et alli(2001) ^(h)
Anos Doutorado	1	0,02558	0,01663	0,17681	0,17171	0,18788	0,18165	0,04354	0,01266
Ranking Instituição - Laband e Piette(1994) ^(a)		1	0,9522*	0,20624*	0,21221*	0,20346*	0,20959*	0,27379**	0,29439**
Ranking Instituição - Kalaitzidakis et alli(2001) ^(b)			1	0,20993*	0,21688*	0,20682*	0,21387*	0,27726**	0,30398**
Citação Ponderada - Laband e Piette(1994) ^(c)				1	0,9904**	0,9986**	0,98416**	0,87054**	0,8494**
Citação Ponderada - Kalaitzidakis et alli(2001) ^(d)					1	0,99366**	0,9986**	0,84373**	0,84387**
Citação Ponderada Sem Auto-citação - Laband e Piette(1994) ^(e)						1	0,99009**	0,85505**	0,83968**
Citação Ponderada Sem Auto-citação - Kalaitzidakis et alli(2001) ^(f)							1	0,82581**	0,82971**
Produção Científica Ponderada - Laband e Piette(1994) ^(g)								1	0,94983**
Produção Científica Ponderada - Kalaitzidakis et alli(2001) ^(h)									1

Notas: (a) Ranking de instituições por produção científica ponderada pelo fator de impacto dado em Laband e Piette(1994), apresentado em Issler e Pillar(2002), Tabela 2; (b) Ranking de instituições por produção científica ponderada pelo fator de impacto dado em Kalaitzidakis et alli(2001), apresentado em Issler e Pillar(2002), Tabela 3; (c) Total de citações ponderadas pelo fator de impacto dado em Laband e Piette(1994), apresentado na Tabela 2 deste artigo; (d) Total de citações ponderadas pelo fator de impacto dado em Kalaitzidakis et alli(2001), apresentado na Tabela 1 deste artigo; (e) Total de citações, com exclusão de auto-citações, ponderadas pelo fator de impacto dado em Laband e Piette(1994), apresentado na Tabela 4 deste artigo; (f) Total de citações, com exclusão de auto-citações, ponderadas pelo fator de impacto dado em Kalaitzidakis et alli(2001), apresentado na Tabela 3 deste artigo; (g) Produção científica ponderada pelo fator de impacto dado em Laband e Piette(1994), apresentada em Issler e Pillar(2002), Tabela 7; (h) Produção científica ponderada pelo fator de impacto dado em Kalaitzidakis et alli(2001), apresentada em Issler e Pillar(2002), Tabela 9. * Correlação significativa para nível de significância de 5%. ** Correlação significativa para nível de significância de 1%.

Tabela 8: Área de Atuação dos 10 Primeiros Colocados nos Rankings de Pesquisadores por Citação Ponderada de Produção Científica (Tabelas 1 e 2)

Ponderação pelos Fatores de Impacto dados em Laband e Piette(1994)		Ponderação pelos Fatores de Impacto dados em Kalaitzidakis et alli(2000)	
Áreas Segundo Código JEL	Total Padronizado de Citações Ponderadas por Área	Áreas Segundo Código JEL	Total Padronizado de Citações Ponderadas por Área
Métodos Matemáticos e Quantitativos	51,29	Métodos Matemáticos e Quantitativos	51,39
Microeconomia	21,4	Microeconomia	18,15
Macroeconomia e Economia Monetária	11,88	Macroeconomia e Economia Monetária	13,91
Desenvolvimento Econômico, Mudança Tecnológica e Crescimento	9,03	Desenvolvimento Econômico, Mudança Tecnológica e Crescimento	9,64
História da Economia	3,81	História da Economia	3,71
Trabalho e Economia Demográfica	1,54	Trabalho e Economia Demográfica	1,93
Economia Internacional	1,04	Economia Internacional	1,27
Total	100,00	Total	100,00

Notas: Os resultados apresentados foram calculados da seguinte forma: (1) definiu-se as áreas de atuação dos dez primeiros colocados nos rankings de pesquisadores por citação ponderada de produção científica pelos fatores de impacto dados em Laband e Piette(1994) e Kalaitzidakis et alli(2000), apresentados nas Tabelas 1 e 2, segundo as sub-áreas de Economia listadas pelo código JEL; (2) a soma do total ponderado de citações dos dez primeiros pesquisadores, 298,73 (Laband e Piette) e 340,31(Kalaitzidakis et alli), foi padronizada em 100.00, sendo o total apresentado pela soma das citações ponderadas em cada área um percentual deste.

Tabela 9: Códigos JEL de Sub-áreas da Economia

A	Economia e Ensino
B	Escolas de História do Pensamento e Metodologia
C	Métodos Matemáticos e Quantitativos
D	Microeconomia
E	Macroeconomia e Economia Monetária
F	Economia Internacional
H	Economia Pública
I	Saúde, Educação e Bem-Estar
J	Economia do Trabalho e Economia Demográfica
K	Direito e Economia
L	Organização Industrial
M	Administração de Empresas, Economia Empresarial, Marketing e Contabilidade
N	História da Economia
O	Desenvolvimento Econômico, Mudança Tecnológica e Crescimento
P	Sistemas Econômicos Comparados
Q	Agricultura e Recursos Econômicos Naturais
R	Economia Urbana, Rural e Regional
Z	Outros Tópicos Especiais

Tabela 10: Pesquisadores Brasileiros Avaliados por Ordem Alfabética

Ranking	Nome	Anos desde o Doutorado	Instituição
1	Affonso Celso Pastore	33	EPGE-FGV
2	Afonso Sant'Anna Bevilaqua	9	PUC-RJ
3	Aloísio Pessoa de Araújo	28	EPGE-FGV
4	Andre Lara Resende	-	-
5	Annibal Villanova Villela	-	-
6	Antônio Aguirre	30	UFMG
7	Antônio Barros de Castro	25	UFRJ
8	Antonio Carlos Lemgruber	-	-
9	Antônio Delfim Netto	-	-
10	Antônio Maria da Silveira	31	UFU
11	Antonio Salazar Pessoa Brandão	24	EPGE-FGV
12	Arlete Maria da Silva Alves	6	UFU
13	Armando Manuel da Rocha C. Pinheiro	13	UFRJ
14	Armínio Fraga Neto	17	EPGE-FGV
15	Bernardo Pinheiro M. Mueller	7	UnB
16	Caio Prado Júnior	-	-
17	Carlos Brunet Martins Filho	10	EPGE-FGV
18	Carlos Geraldo Langoni	32	-
19	Carlos Manuel Pelaez	-	-
20	Carlos Roberto Azzoni	20	USP
21	Carlos Von Doellinger	-	-
22	Carmem Aparecida do Valle Costa Feijó	11	UFF
23	Celso Furtado	54	-
24	Charles Curt Mueller	28	UnB
25	Claudio L. S. Haddad	28	-
26	Claudio R. Contador	-	-
27	Claudio Salvadori Dedecca	12	UNICAMP
28	Clovis José Daudt Lyra Darrigue de Faro	28	EPGE-FGV
29	David Dequech Filho	4	UNICAMP
30	Dionísio Dias Carneiro	30	PUC-RJ
31	Edmar Lisboa Bacha	-	-
32	Eduardo da Motta e Albuquerque	4	UFMG
33	Eduardo Marco Modiano	-	-
34	Edward J. Amadeo	-	-
35	Eleutério Fernando da Silva Prado	22	USP
36	Eliana A. Cardoso	-	-
37	Elizabeth Maria Mercier Querido Farina	19	USP
38	Eugênio Gudín	-	-
39	Fabiana Fontes Rocha	7	USP
40	Fabio Stefano Rever	24	UFRJ
41	Fernando Bento Homem de Melo	29	USP
42	Fernando de Holanda Barbosa	27	EPGE-FGV
43	Fernando Henrique Cardoso	41	-
44	Fernando Jose Cardim de Carvalho	16	UFRJ
45	Fernando Seabra	8	UFSC

46	Flavio Marques Menezes	9	EPGE-FGV
47	Flávio Rabelo Versiani	31	UnB
48	Flávio Vasconcellos Comim	3	UFRGS
49	Francisco de Hollanda Guimarães Ferreira	6	PUC-RJ
50	Francisco Eduardo Barreto de Oliveira	-	-
51	Francisco Galvão Carneiro	6	UnB
52	Francisco Lafaiete P. Lopes	30	-
53	Francisco Vidal Luna	22	-
54	Franklin Leon Peres Serrano	9	UFRJ
55	Gervasio Castro de Rezende	26	UFF
56	Gilberto Tadeu de Lima	5	UNICAMP
57	Gustavo Henrique Barroso Franco	16	PUC-RJ
58	Gustavo M. Gonzaga	9	PUC-RJ
59	Gustavo Perosa Maia Gomes	-	UFPE
60	Helson Cavalcante Braga	23	-
61	Humberto Luiz de Ataíde Moreira	6	PUC-RJ
62	I. M. Rangel	-	-
63	Ilan Goldfajn	7	PUC-RJ
64	Iraci del Nero da Costa	-	-
65	Joanilio Rodolpho Teixeira	27	UnB
66	Joao de Deus Sicsu Siqueira	5	UFF
67	João Luiz Maurity Sabóia	27	UFRJ
68	João Ricardo Oliveira de Faria	7	UnB
69	João Rogério Sanson	22	UFSC
70	Joao Sayad	-	-
71	João Victor Issler	9	EPGE-FGV
72	Joaquim Pinto de Andrade	21	UnB
73	Jorge Eduardo de Castro Soromenho	8	USP
74	Jorge Saba Arbache Filho	4	UnB
75	José Francisco Graziano da Silva	22	UNICAMP
76	José Luiz Carvalho	30	USU
77	José Márcio Camargo	25	PUC-RJ
78	Jose Roberto Mendonça de Barros	-	-
79	Juan Hersztajn Moldau	26	USP
80	Laércio Barbosa Pereira	14	UFSC
81	Luiz Carlos Bresser Gonçalves Pereira	30	FGV-SP
82	Marcelo Cortes Néri	10	UFF
83	Marcelo de Paiva Abreu	25	PUC-RJ
84	Marcelo Fernandes	3	EPGE-FGV
85	Marcelo Resende	5	UFRJ
86	Marcelo Savino Portugal	10	UFRGS
87	Marcio Gomes Pinto Garcia	11	PUC-RJ
88	Marco Antonio Cesar Bonomo	10	EPGE-FGV
89	Marcos de Barros Lisboa	6	EPGE-FGV
90	Maria Cristina Trindade Terra	8	EPGE-FGV
91	Maria da Conceição Sampaio de Sousa	18	UnB
92	Maria da Conceição Tavares	-	-
93	Maria Dolores Montoya Diaz	5	USP
94	Marilda Antonio de Oliveira Sotomayor	21	USP

95	Mario Henrique Simonsen	29	-
96	Mario Luiz Possas	19	UFRJ
97	Maurício Soares Bugarin	6	UnB
98	Mauro Boianovsky	6	UnB
99	Milton da Mata	-	-
100	Naércio Aquino Menezes Filho	5	USP
101	Newton Carneiro Afonso da Costa Junior	11	UFSC
102	Olímpio José de Arroxelas Galvão	15	UFPE
103	Paulo Bastos Tigre	20	UFRJ
104	Paulo Brígido Rocha Macedo	12	UFMG
105	Paulo Cesar Coutinho	18	UnB
106	Paulo Israel Singer	36	USP
107	Paulo Klingner Monteiro	14	EPGE-FGV
108	Paulo Nogueira Batista Junior	24	EAESP-FGV
109	Pedro Cavalcanti Gomes Ferreira	9	EPGE-FGV
110	Pedro Luiz Valls Pereira	19	USP
111	Pedro Sampaio Malan	29	-
112	Persio Arida	-	-
113	R. M. Paiva	-	-
114	R. W. Slenes	-	-
115	Ramón Garcia Fernandez	10	UFPR
116	Regis Bonelli	-	-
117	Reinaldo Gonçalves	16	UFRJ
118	Renata Lebre La Rovere	12	UFRJ
119	Renato Baumann	20	UnB
120	Renato Galvão Flôres Junior	-	EPGE-FGV
121	Reynaldo Fernandes	7	USP
122	Ricardo de Oliveira Cavalcanti	5	EPGE-FGV
123	Ricardo Paes de Barros	15	-
124	Roberto Macedo	28	-
125	Rodolfo Hoffmann	33	UNICAMP
126	Rogério Ladeira Furquim Werneck	22	PUC-RJ
127	Rogério Studart	10	UFRJ
128	Rui Lyrio Modenesi	-	-
129	Sérgio Ribeiro da Costa Werlang	16	EPGE-FGV
130	Theotonio dos Santos Junior	8	UFF
131	Valdir Ramalho	17	USU
132	Virene Roxo Matesco	11	USU
133	Wilfredo Fernando Leiva Maldonado	7	UFF
134	Wilson Cano	27	UNICAMP
135	Wilson G. Suzigan	18	UNICAMP
136	Yoshiaki A. Nakano	-	-

Nota: Os pesquisadores brasileiros avaliados neste artigo são os pertencentes a algum dos rankings de pesquisadores por produção científica ponderada apresentados em Issler e Pillar(2002, Tabelas 7, 9 e 13) além dos demais dentre os cinquenta mais citados no Brasil apresentados por Azzoni(2000).

ENSAIOS ECONÔMICOS DA EPGE

501. A FAMILY OF AUTOREGRESSIVE CONDITIONAL DURATION MODELS - Marcelo Fernandes; Joachim Grammig – Setembro de 2003 – 37 págs.
502. NONPARAMETRIC SPECIFICATION TESTS FOR CONDITIONAL DURATION MODELS - Marcelo Fernandes; Joachim Grammig – Setembro de 2003 – 42 págs.
503. A NOTE ON CHAMBERS'S "LONG MEMORY AND AGGREGATION IN MACROECONOMIC TIME SERIES" – Leonardo Rocha Souza – Setembro de 2003 – 11págs.
504. ON CHOICE OF TECHNIQUE IN THE ROBINSON-SOLOW-SRINIVASAN MODEL - M. Ali Khan – Setembro de 2003 – 34 págs.
505. ENDOGENOUS TIME-DEPENDENT RULES AND THE COSTS OF DISINFLATION WITH IMPERFECT CREDIBILITY - Marco Bonomo; Carlos Viana de Carvalho – Outubro de 2003 – 27 págs.
506. CAPITAIS INTERNACIONAIS: COMPLEMENTARES OU SUBSTITUTOS? - Carlos Hamilton V. Araújo; Renato G. Flôres Jr. – Outubro de 2003 – 24 págs.
507. TESTING PRODUCTION FUNCTIONS USED IN EMPIRICAL GROWTH STUDIES - Pedro Cavalcanti Ferreira; João Victor Issler; Samuel de Abreu Pessoa – Outubro de 2003 – 8 págs.
508. SHOULD EDUCATIONAL POLICIES BE REGRESSIVE ? Daniel Gottlieb; Humberto Moreira – Outubro de 2003 – 25 págs.
509. TRADE AND CO-OPERATION IN THE EU-MERCOSUL FREE TRADE AGREEMENT - Renato G. Flôres Jr. – Outubro de 2003 – 33 págs.
510. OUTPUT CONVERGENCE IN MERCOSUR: MULTIVARIATE TIME SERIES EVIDENCE - Mariam Camarero; Renato G. Flôres Jr; Cecílio Tamarit – Outubro de 2003 – 36 págs.
511. ENDOGENOUS COLLATERAL - Aloísio Araújo; José Fajardo Barbachan; Mario R. Páscoa – Novembro de 2003 – 37 págs.
512. NON-MONOTONE INSURANCE CONTRACTS AND THEIR EMPIRICAL CONSEQUENCES - Aloísio Araujo; Humberto Moreira – Novembro de 2003 – 31 págs.
513. EQUILIBRIA IN SECURITY MARKETS WITH A CONTINUUM OF AGENTS - A. Araujo; V. F. Martins da Rocha; P. K. Monteiro – Novembro de 2003 – 17 págs.
514. SPECULATIVE ATTACKS ON DEBTS AND OPTIMUM CURRENCY AREA: A WELFARE ANALYSIS - Aloisio Araujo; Márcia Leon – Novembro de 2003 – 50 págs.
515. O MÉTODO GENERALIZADO DOS MOMENTOS(MGM): CONCEITOS BÁSICOS - Renato G. Flôres Jr – Novembro de 2003 – 27 págs.
516. VARIÁVEIS INSTRUMENTAIS E O MGM: USO DE MOMENTOS CONDICIONAIS - Renato G. Flôres Jr – Novembro de 2003 – 27 págs.
517. O VALOR DA MOEDA E A TEORIA DOS PREÇOS DOS ATIVOS - Fernando de Holanda Barbosa – Dezembro de 2003 – 17 págs.

518. EMPRESÁRIOS NÁNICOS, GARANTIAS E ACESSO À CRÉDITO - Marcelo Côrtes Néri; Fabiano da Silva Giovanini - Dezembro de 2003 – 23 págs.
519. DESENHO DE UM SISTEMA DE METAS SOCIAIS - Marcelo Côrtes Néri; Marcelo Xerez - Dezembro de 2003 – 24 págs.
520. A NEW INCIDENCE ANALYSIS OF BRAZILIAN SOCIAL POLICIES USING MULTIPLE DATA SOURCES - Marcelo Côrtes Néri - Dezembro de 2003 – 55 págs.
521. AN INTRA-HOUSEHOLD APPROACH TO THE WELFARE COSTS OF INFLATION - Rubens Penha Cysne – Janeiro de 2004 – 16 págs.
522. CENTRAL LIMIT THEOREM FOR ASYMMETRIC KERNEL FUNCTIONALS - Marcelo Fernandes; Paulo Klingler Monteiro – Fevereiro de 2004 – 23 págs.
523. THE TRADE-OFF BETWEEN INCENTIVES AND ENDOGENOUS RISK - Aloísio Araujo; Humberto Moreira; Marcos H. Tsuchida – Fevereiro de 2004 – 21 págs.
524. DO DIVIDENDS SIGNAL MORE EARNINGS ? - Aloísio Araujo; Humberto Moreira; Marcos H. Tsuchida – Fevereiro de 2004 – 26 págs.
525. Biased managers, organizational design, and incentive provision - Cristiano M. Costa; Daniel Ferreira; Humberto Moreira – Fevereiro de 2004 – 11 págs.
526. Land taxes in a Latin American context - Juliano J. Assunção; Humberto Moreira – Fevereiro de 2004 - 19 págs.
527. Indicadores coincidentes de atividade econômica e uma cronologia de recessões para o Brasil - Angelo J. Mont'alverne Duarte; João Victor Issler; Andrei Spacov - Fevereiro de 2004 – 41 págs.
528. TESTING UNIT ROOT BASED ON PARTIALLY ADAPTIVE ESTIMATION - Zhijie Xiao; Luiz Renato Lima – Março de 2004 – 27 págs.
529. DO SHOCKS PERMANENTLY CHANGE OUTPUT? LOCAL PERSISTENCY IN ECONOMIC TIME SERIES - Luiz Renato Lima; Zhijie Xiao – Março de 2004 – 21 págs.
530. A NEW PERSPECTIVE ON THE PPP HYPOTHESIS - Soyoun Kim; Luiz Renato Lima – Março de 2004 – 36 págs.
531. TRADE LIBERALIZATION AND INDUSTRIAL CONCENTRATION: EVIDENCE FROM BRAZIL - Pedro Cavalcanti Ferreira; Giovanni Facchini – Março de 2004 - 25 págs.
532. REGIONAL OR EDUCATIONAL DISPARITIES? A COUNTERFACTUAL EXERCISE - Angelo José Mont'Alverne; Pedro Cavalcanti Ferreira; Márcio Antônio Salvato – Março de 2004 – 25 págs.
533. INFLAÇÃO: INÉRCIA E DÉFICIT PÚBLICO – Fernando de Holanda Barbosa – Março de 2004 – 16 págs.
534. A INÉRCIA DA TAXA DE JUROS NA POLÍTICA MONETÁRIA – Fernando de Holanda Barbosa – Março de 2004 – 13 págs.

535. DEBT COMPOSITION AND EXCHANGE RATE BALANCE SHEET EFFECTS IN BRAZIL: A FIRM LEVEL ANALYSIS - Marco Bonomo; Betina Martins ; Rodrigo Pinto – Março de 2004 – 39 págs.
536. THE SET OF EQUILIBRIA OF FIRST-PRICE AUCTIONS - Paulo Klinger Monteiro – Março de 2004 – 6 págs.
537. OPTIMAL AUCTIONS WITH MULTIDIMENSIONAL TYPES AND THE DESIRABILITY OF EXCLUSION - Paulo Klinger Monteiro ; Benar Fux Svaiter; Frank H. Page Jr – Março de 2004 – 8 págs.
538. INCOME INEQUALITY IN A JOB-SEARCH MODEL WITH HETEROGENEOUS TIME PREFERENCES – Rubens Penha Cysne – Março de 2004 – 35 págs.
539. IMPOSTO INFLACIONÁRIO E TRANSFERÊNCIAS INFLACIONÁRIAS NO BRASIL: 1947-2003 - Rubens Penha Cysne; Paulo C. Coimbra-Lisboa – Março de 2004 – 7 págs.
540. ON THE STATISTICAL ESTIMATION OF DIFFUSION PROCESSES – A survey - Rubens Penha Cysne – Abril de 2004 – 26 págs.
541. ROBUSTNESS OF STATIONARY TESTS UNDER LONG-MEMORY ALTERNATIVES - Luiz Renato Lima; Zhijie Xiao – Abril de 2004 – 23 págs.
542. MONETARY UNION AND PRODUCTIVITY DIFFERENCES IN MERCOSUR COUNTRIES – Mariam Camarero; Renato G. Flôres, Jr.; Cecilio R. Tamarit – Abril de 2004 – 21 págs.
543. TWO ADDITIONS TO LUCAS ´S “INFLATION AND WELFARE” - Rubens Penha Cysne – Abril de 2004 – 9 págs.
544. THE IMPLICATIONS OF EMBODIMENT AND PUTTY-CLAY TO ECONOMIC DEVELOPMENT - Samuel de Abreu Pessoa; Rafael Rob – Abril de 2004 – 70 págs.
545. MONEY WITH BANK NETWORKS - Ricardo Cavalcanti; Henrique Dezemone Forno – no prelo.
546. CYCLICAL INTEREST PAYMENTS ON INSIDE MONEY - Ricardo Cavalcanti; Henrique Dezemone Forno – no prelo.
547. DOIS EXPERIMENTOS DE POLÍTICA MONETÁRIA NO MODELO NOVO-KEYNESIANO – Fernando de Holanda Barbosa – Abril de 2004 – 9 págs.
548. THE EVOLUTION OF INTERNATIONAL OUTPUT DIFFERENCES (1960-2000): FROM FACTORS TO PRODUCTIVITY - Pedro Cavalcanti Ferreira; Samuel de Abreu Pessoa; Fernando A. Veloso – Junho de 2004 – 31 págs.
549. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO CONSUMO DE DURÁVEIS NO BRASIL E TESTES DE SEPARABILIDADE ENTRE DURÁVEIS E NÃO-DURÁVEIS - Fábio Augusto Reis Gomes; João Victor Issler – Junho de 2004 - 28 págs.
550. AVALIANDO PESQUISADORES E DEPARTAMENTOS DE ECONOMIA NO BRASIL A PARTIR DE CITAÇÕES INTERNACIONAIS - João Victor Issler; Rachel Couto Ferreira - Junho de 2004 - 34 págs.